

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Patrícia Felden

**ALTERIDADE E RECIPROCIDADE NO PENSAMENTO
EXISTENCIALISTA DE SIMONE DE BEAUVOIR E O PROJETO DE
LIBERTAÇÃO DAS MULHERES**

Santa Maria, RS
2021

Patrícia Felden

**ALTERIDADE E RECIPROCIDADE NO PENSAMENTO
EXISTENCIALISTA DE SIMONE DE BEAUVOIR E O PROJETO DE
LIBERTAÇÃO DAS MULHERES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Área de Concentração Filosofia Teórica e Prática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de grau de **Mestre em Filosofia**.

Orientadora: Professora Dr. Juliana Missaggia

Santa Maria, RS

2021

FELDEN, PATRÍCIA
ALTERIDADE E RECIPROCIDADE NO PENSAMENTO
EXISTENCIALISTA DE SIMONE DE BEAUVOIR E O PROJETO DE
LIBERTAÇÃO DAS MULHERES / PATRÍCIA FELDEN.- 2021.
84 p.; 30 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Filosofia, RS, 2021


1. ÉTICA 2. EXISTENCIALISMO 3. FILOSOFIA 4. SIMONE
DE BEAUVOIR 5. FEMINISMO I. Título.

Patrícia Felden

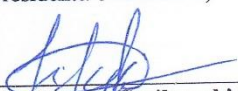
**ALTERIDADE E RECIPROCIDADE NO PENSAMENTO
EXISTENCIALISTA DE SIMONE DE BEAUVOIR E O PROJETO DE
LIBERTAÇÃO DAS MULHERES**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Área de Concentração Filosofia Teórica e Prática, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para obtenção de grau de **Mestre em Filosofia**.

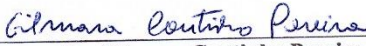
Aprovado em 29 de março de 2021:



Professora, Dr. Juliana Missaggia (UFSM)
(Presidente/Orientadora)



Professor, Dr. Silvestre Grzibowski (UFSM)
(Examinador, por Parecer)



Professora, Dr. Gilmara Coutinho Pereira (UEPB)
(Examinadora, por Parecer)

Santa Maria, RS
2021

DEDICATÓRIA

Para Lucimar de Oliveira; minha amada mãe, uma grande mulher.

Para Paulo Vinícius Nascimento Coelho, meu companheiro, presença em minha existência na mais pura afetividade pulsante e racional.

AGRADECIMENTOS

Para a Professora Dr. Juliana Missaggia, pela oportunidade e por ter possibilitado a escolha deste importante tema de pesquisa. Agradeço sua atenção na orientação em um período pandêmico difícil para todos nós.

Agradeço aos Professores participantes da banca: Prof. Dr. Silvestre Grzibowski (UFSM), Professora Dr. Gilmara Coutinho Pereira (UEPB) e a Professora Dr. Mitieli Seixas da Silva (UFSM).

Agradeço aos professores do departamento de Filosofia desta instituição que foram fundamentais no meu processo de formação acadêmica tanto na graduação em Filosofia quanto na Pós-graduação, em especial ao professor Dr. Marcelo Fabri; suas aulas me incentivaram a continuar no caminho da Filosofia.

Agradeço a Jaíne Vasconcellos, secretária do Curso da pós-graduação pela atenção e esclarecimentos burocráticos.

Agradeço aos amigos que percorreram comigo o curso da graduação em Filosofia, em especial aos amigos e amigas com as quais travei interessantes diálogos filosóficos: Assis Henrique, Jéssica Coimbra Padilha e Júlia Garcia Tronco.

À minha amiga historiadora Karina de Souza Righi, pela amizade que se manteve em diversas e difíceis situações.

À minha amiga artista e advogada Adéli Casagrande do Canto, sua amizade e conversas constantes tornaram a vida menos penosa.

À minha amiga Jéssica Corrêia de Almeida, pela amizade de longa data.

Agradeço aos meus avós Ari Rodrigues de Oliveira e Loreci Antunes de Oliveira, pela recepção em sua casa nos períodos de minhas férias da graduação, férias essas em meio a tranquilidade do campo e que sempre me fizeram tão bem.

Agradeço a minha mãe Lucimar de Oliveira Felden e aos meus irmãos Lucas de Oliveira Felden e Wagner Francisco Felden, sem eles teria sido muito difícil prosseguir em meus estudos.

Agradeço ao meu pai Adir Francisco Felden pelo incentivo nos estudos.

MULHER

És tu, mulher?

A causadora da discórdia e destruição do mundo desde seu surgimento?

A Eva;

A Pandora

A egípcia Deusa;

A troiana guerreira;

A alexandrina sábia;

A cientista;

A francesa existencialista;

A sabedoria em oscilação;

A névoa entre os mares;

A ventania do Oeste;

Sim és tu mulher!

Condenada a carregar o peso da existência neste mundo absurdo

O que és tu afinal mulher?

Uma mera expectadora do mundo ou uma afirmação de existência no mundo!?

És tu mulher!

O cataclisma do agora para uma nova era,

Das possibilidades do Mundo

Tu és a mulher do amanhã!

|o/ |o/ |O/ |o/ |o/

|o/ |O/ |o/

|o/ |O/ |O/

|||||O////////

<>...../.....<>

<>..../....<>

< / >

(Patrícia Felden)

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Universidade Federal de Santa Maria

ALTERIDADE E RECIPROCIDADE NO PENSAMENTO EXISTENCIALISTA DE SIMONE DE BEAUVOIR E O PROJETO DE LIBERTAÇÃO DAS MULHERES

AUTORA: Patrícia Felden
ORIENTADORA: Prof. Dr. Juliana Missaggia

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar e analisar os conceitos de *Alteridade* e *Reciprocidade*, tais como foram abordados na filosofia de Simone de Beauvoir, destacando as obras *O Segundo Sexo* e *Por uma Moral da Ambiguidade*. Veremos as implicações filosóficas dos termos Alteridade e Reciprocidade para a compreensão da situação de subjugação da mulher na história humana e na elaboração de uma Ética Existencialista, a qual embasa um projeto de libertação das mulheres defendido pela filósofa. Em *O Segundo Sexo* (1949), Simone de Beauvoir busca compreender o que é *Ser Mulher* e procura identificar os motivos que levaram ao estabelecimento de uma hierarquia de poder nas sociedades humanas, nas quais as mulheres são oprimidas pelos homens e vistas como inferiores. Em relação ao homem, a mulher é como um “Outro” em sentido negativo, para o qual não se reconhece Reciprocidade. A dualidade da relação *eu* e o *Outro* é algo que acompanha a história humana, mas a Alteridade carrega a possibilidade da Reciprocidade, no entanto essa reciprocidade para a Mulher não é reconhecida. Beauvoir defende que a subordinação da mulher é um evento histórico, não se deve apenas a questões de ordem biológica, mas tem raízes na própria condição ontológica do sujeito humano no mundo e suas escolhas em relação ao que a sociedade e cultura oferecem. Com a afirmação do patriarcado em um determinado momento histórico, o homem torna-se o centro de referência para se definir o que a espécie humana *deve ser*, enquanto a mulher é classificada como *uma alteridade em sentido negativo* diante da figura masculina, isso foi uma escolha por parte dos homens e não tem justificativa na natureza ou em nenhuma suposta verdade divina ou “essência humana”. Veremos como Beauvoir interpreta a situação da mulher, dialogando com diferentes correntes de pensamento: da Sociologia/Antropologia, Psicanálise, o Materialismo Histórico Dialético e o próprio Existencialismo, do qual a filósofa foi uma expoente. Um relato histórico realizado por Beauvoir em *O Segundo Sexo* é apresentado para ilustrar a análise realizada, denunciando a opressão contra a mulher. Seguindo as observações sobre dados historiográficos, veremos a proposta de uma *Ética Existencialista* com base no reconhecimento da ambiguidade na vida humana, destacando a liberdade e visando alcançar a reciprocidade. A Ética Existencialista defendida por Beauvoir culmina em um *projeto de libertação para as mulheres* que está conectado a uma preocupação de realização de igualdade na coletividade humana, em uma tentativa de aproximação entre os ideais do Socialismo Marxista e o Existencialismo.

Palavras-chave: Alteridade; Reciprocidade; Moral da Ambiguidade; Beauvoir; Existencialismo; Liberdade; Mulher; Feminismo; Ética.

ABSTRACT

Master's degree dissertation
Graduate Program in Philosophy
Federal University of Santa Maria (UFSM)

ALTERITY AND RECIPROCITY IN SIMONE DE BEAUVOIR'S EXISTENTIALIST PHILOSOPHY AND THE WOMEN'S LIBERATION PROJECT

AUTHOR: Patrícia Felden
ADVISER: Prof. Dr. Juliana Missaggia

This research aims to present and analyze the concepts of Alterity and Reciprocity, as discussed in Simone de Beauvoir's philosophy, highlighting the works *The Second Sex* and *For a Morality of Ambiguity*. We will see the philosophical implications of the terms Alterity and Reciprocity to understand the situation of subjugation of women in human history and in the elaboration of an Existentialist Ethics that supports a project for the liberation of women defended by the philosopher. In *The Second Sex*, Simone de Beauvoir seeks to understand what Being a Woman is and seeks to identify the reasons that led to the establishment of a hierarchy of power in human societies, where women are oppressed by men and seen as inferior. To men, women are like an "Other" in a negative sense, for which reciprocity is not recognized. The duality of the relationship between me and the Other is something that accompanies human history, but alterity carries the possibility of reciprocity. However, this reciprocity for Women is not recognized. Beauvoir argues that the subordination of women is a historical event, it is not only due to biological issues, but it has roots in the human subject's ontological condition in the world and its choices in relation to what society and culture offer. With the affirmation of patriarchy at a certain historical moment, man becomes the center of reference for defining what the human species should be, while the woman is classified as alterity in a negative sense compared to the male figure, this was chosen by men and had no justification in nature or in any supposed divine truth or "human essence." We will see how Beauvoir interprets the situation of women, dialoguing with different currents of thought: from Sociology / Anthropology, Psychoanalysis, Dialectical Historical Materialism, and the Existentialism itself of which the philosopher was an exponent. A historical account by Beauvoir in *The Second Sex* is presented to illustrate the analysis carried out, denouncing the oppression against women. Following the observations on historiographic data, we will see the proposal for an Existentialist Ethics based on the recognition of ambiguity in human life, highlighting freedom and aiming to achieve reciprocity. The Existentialist Ethics defended by Beauvoir culminates in a project of liberation for women that is connected to a concern for the realization of equality in the human collectivity, in an attempt to approximate the ideals of Marxist Socialism and Existentialism.

Keywords: Alterity; Reciprocity; Morality of Ambiguity; Beauvoir; Existentialism; Freedom; Woman; Feminism; Ethic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A MULHER COMO ALTERIDADE: perspectivas teóricas	12
2.1 O PONTO DE VISTA DA BIOLOGIA	17
2.2 O PONTO DE VISTA PSICANALÍTICO	22
2.3 O PONTO DE VISTA DO MATERIALISMO HISTÓRICO	26
3. ALTERIDADE E CONFLITO NA HISTÓRIA DAS SOCIEDADES HUMANAS.....	32
3.1 A IMPOSIÇÃO DA VONTADE DO HOMEM SOBRE A MULHER, NA HISTÓRIA (Um relato da história da subjugação das mulheres em O Segundo Sexo)	37
4. UMA ÉTICA EXISTENCIALISTA (Afirmando a ambiguidade na Existência)	49
5. EM BUSCA DA RECIPROCIDADE: Um projeto de libertação	59
5.1. A SITUAÇÃO DA MULHER	59
5.2. EXISTIR E RESISTIR COMO MULHER	65
5.3. RECIPROCIDADE E LIBERDADE	69
5.3.1. O ideal Socialista e sua relação com a luta de libertação das mulheres	69
5.3.2. A possibilidade de realização da Reciprocidade entre homens e mulheres e seu significado para a história humana	74
6. CONCLUSÃO	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80

1. INTRODUÇÃO

Simone de Beauvoir é considerada um ícone da luta feminista e isso não se deve apenas a uma postura política de militância nas ruas ao lado de outras mulheres na França dos anos 60 e 70. Sua obra literária e filosófica é perpassada por uma preocupação ética com relação à condição das mulheres no mundo e essa preocupação impulsionou uma afirmação por parte de Beauvoir de um *projeto de libertação das mulheres* assentado sobre uma ética existencialista engajada e comprometida com a liberdade.

Em 1949 a publicação de *O segundo Sexo* apresentou ao mundo a visão crítica de Beauvoir sobre a condição da mulher, com levantamentos de dados antropológicos e historiográficos, somados a análises sobre perspectivas teóricas diversas (as quais a autora demonstrou serem insuficientes para explicarem a hierarquia entre os sexos que se perpetuava na história da humanidade há muito tempo). Beauvoir procurou, ainda, destrinchar a questão da opressão contra as mulheres sob o viés da filosofia existencialista.

Os termos *alteridade* e *reciprocidade* aparecem em destaque em *O Segundo Sexo* e auxiliam a autora a explicar a situação negativa da mulher, vista como um Outro em sentido negativo, diante do *Um* afirmado (o Homem). A mulher é vista como uma sombra do homem, um *segundo sexo*, inferiorizado, castrado, e para o qual não se reconhece reciprocidade.

Uma cultura machista ganhou força no decorrer da história e isso aparece na maioria das sociedades humanas, nas quais vemos as mulheres rebaixadas aos interesses dos homens, Beauvoir busca em *O Segundo Sexo* uma explicação racional para essa *hierarquização* entre os sexos ter sido imposta na história, dado que se não há essência ou verdades divinas e não há um Deus para ditar regras, toda escolha humana é livre, portanto, se há subjugação das mulheres isso deriva de uma escolha de quem impõe essa violência, no caso, os homens. A natureza por si mesma não pode ser referência, pois é interpretada segundo valores culturais: mesmo o próprio corpo humano é compreendido segundo simbolismos e significados derivados do mundo simbólico cultural que envolve crenças religiosas, moral, ideologias, filosofias, ciência, etc. Esses valores podem até mesmo moldar o corpo fisicamente, determinando comportamentos e moda, algumas vezes de forma muito severa, como por exemplo os casos de clitoridectomia em regiões da África e Oriente Médio, o que demonstra também o controle sobre o prazer da mulher interferindo violentamente em sua sexualidade.

O fato de mulheres poderem gerar filhos foi motivo de abusos por parte dos homens, que muitas vezes tentaram justificar religiosamente ou sob pretenso interesse social o controle

sobre os corpos das mulheres.

A opressão sobre o sujeito feminino, no decorrer da história, se mantém como um processo de restrição da liberdade. As mulheres, impedidas de realizarem seus projetos de *ser no mundo*, são obrigadas a submeterem-se aos homens que controlam ainda a quase totalidade das sociedades.

O capitalismo que se espalhou pelo mundo é um exemplo do poder do patriarcado, já que a maioria das grandes empresas privadas capitalistas são controladas por famílias as quais, por sua vez, são dominadas por homens, em um modelo patriarcal. Mesmo as mulheres da classe dominante são submetidas aos interesses masculinos e Beauvoir faz questão de enfatizar que, em todas as classes e grupos, mesmo entre os explorados e marginalizados, a mulher vem em segundo lugar com relação ao homem. A mulher sofre com discriminação e com os preconceitos do machismo mesmo entre supostos companheiros de luta, nas fileiras de partidos ou movimentos que deveriam dar exemplo de igualdade por ostentarem tal ideal, como é o caso do socialismo.

Apesar das críticas ao Materialismo Histórico e Dialético que fundamenta o chamado Socialismo Científico, Beauvoir fará a defesa da proposta socialista de transformação radical da humanidade rumo a uma situação de plena igualdade, mas deixa muito claro que isso só será realmente viável se o próprio socialismo levar em consideração a necessidade de encarar com seriedade o problema da opressão contra as mulheres e reconhecer a necessidade de destruir as *redes de significação* que restringem a expressão da liberdade das mulheres, o que não depende apenas da superação do capitalismo, mas sim de uma postura ética existencialista esclarecida que valorize a liberdade como condição inerente a todo sujeito humano, o qual, para realizar-se enquanto tal, deve reconhecer sua pertença à coletividade humana.

Veremos no decorrer deste trabalho como Beauvoir dialogou com pensadores e perspectivas teóricas da Sociologia, da Antropologia, da Psicanálise, do Materialismo Histórico Dialético e do próprio Existencialismo, para tratar do problema da subjugação da mulher e como desenvolveu uma postura ética que serviu de base para a afirmação de um projeto de libertação das mulheres, o qual escolheu como fundamental bandeira de luta durante sua vida, uma vida comprometida com o coletivo e com a liberdade.

Destacarei nesta dissertação pontos importantes de *O segundo Sexo* (em seus dois tomos) e *Por uma moral da Ambiguidade*, dialogando com comentadoras da obra de Simone de Beauvoir, as quais deram suas relevantes contribuições para uma melhor compreensão do trabalho dessa importante mulher.

2. A MULHER COMO ALTERIDADE: perspectivas teóricas

Neste capítulo apresentarei o tema desenvolvido por Beauvoir em *O Segundo Sexo*: uma forte crítica contra a visão machista que encara a mulher como *outro*, em sentido negativo (com relação ao homem), não reconhecida como alteridade positiva com características próprias e independentes das imposições masculinas. Destacarei aqui, após um panorama geral sobre o tema, algumas abordagens teóricas (analisadas por Beauvoir) que tratam da questão.

Em *O Segundo Sexo* (1949) Beauvoir afirma que a categoria do *Outro* é tão original quanto a própria consciência. A alteridade é uma categoria fundamental do pensamento humano. “Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si.” (BEAUVOIR, 1970, p. 11).

Quando observamos a história das sociedades humanas primitivas, encontramos a constante dualidade que pressupõe a relação *eu /outro*. Beauvoir cita Lévi-Strauss, lembrando a passagem do estado natural para o estado cultural, identificando a dualidade, o reconhecimento do *Outro* como um *estranho*, um *diferente*, o que acontece para ambos os sujeitos na relação.

A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos que cumpre explicar que os dados fundamentais e imediatos da realidade social. (LÉVI-STRAUSS apud BEAUVOIR, 1970, p. 11).

A *alteridade* como categoria do pensamento carrega, também, implícita, a possibilidade da reciprocidade, por exemplo: o nativo percebendo o estrangeiro como *Outro*, no processo de estranhamento do *Outro*, ao mesmo tempo afirma a si em suas qualidades peculiares, de modo que tal relação carrega implicitamente a possibilidade da reciprocidade, dado que a reação do *Outro* (ou mesmo o observar, comparar-se e identificar diferenças no outro) influencia o olhar do sujeito sobre si mesmo. A partir dessa constatação Beauvoir levanta a seguinte questão: “como se entende então, que entre os sexos essa reciprocidade não tenha sido colocada [...]”. (BEAUVOIR, 1970, p.12).

Quando questionamos a reciprocidade entre os sexos percebemos que, quando se trata do sexo feminino, essa reciprocidade é negada, o *Outro*, na categoria de feminino, não é definido como uma alteridade em um sentido positivo.

Beauvoir questiona o motivo das mulheres, muitas vezes, não buscarem respostas para o problema da *negação de reciprocidade* e não reagirem à imposição a elas de uma condição de *alteridade negativa*. “Por qual (ou quais) motivo(s) as mulheres não contestam essa soberania do macho? De onde vem essa submissão na mulher?” (BEAUVOIR, 1970, p. 12).

Em muitas circunstâncias nas sociedades humanas a desigualdade pode ser vista como resultado de um fator numérico, onde uma maioria impõe seus interesses à minoria¹, no entanto, como lembra Beauvoir, existe um número tão grande de mulheres quanto de homens no mundo (segundo pesquisas, na verdade, há mais mulheres no planeta; são maioria na maioria dos países; no Brasil, por exemplo, estão em maior número²) e, apesar disso, as mulheres estão submetidas ainda aos interesses masculinos. Na quase totalidade dos países a situação legal das mulheres não é idêntica a dos homens e muitas vezes os direitos e leis que beneficiam os homens prejudicam consideravelmente as mulheres, tal é uma constante na história e apenas recentemente, a partir do século XX nas sociedades ocidentais, é que notamos mudanças nessa situação.

Segundo Beauvoir a subordinação feminina é um evento também histórico, o qual não se deve apenas à estrutura fisiológica das mulheres (embora isso seja um elemento a ser considerado), mas, quando passamos a observar atentamente o processo histórico, identificamos que, quando surgem as primeiras sociedades humanas organizadas com base na agricultura, a subjugação feminina se destaca acompanhando o desenvolvimento de hierarquias de poder nessas primeiras sociedades sedentárias.

O homem é visto como uma referência para se definir o que a espécie humana “deve ser”, enquanto a mulher é classificada como uma *alteridade em sentido negativo* diante da figura masculina; tal situação obviamente é uma *história* moldada pelos próprios homens.

Os estereótipos culturais transformaram as mulheres em sujeitos “reprimidos ou apagados” condicionando-as a tarefas para as quais os homens comumente não se sujeitam ou evitam realizar, tarefas como: o cuidado do lar e dos filhos, cozinhar, etc. Tarefas adaptadas a um modelo de *esposa ideal* imposto pela cultura construída pelos homens. Na maioria das

1. Nas sociedades capitalistas temos o inverso disso se destacarmos a relação hierárquica entre classes, pois, na perspectiva socialista é identificado no capitalismo o domínio de uma classe, a burguesia (que é minoritária, mas controla os meios de produção), sobre a maioria da população formada por trabalhadores assalariados.

2 Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), 2018.

sociedades humanas a subjugação feminina aos interesses dos homens se repete, portanto seria mais apropriado falarmos, nesse caso, em *culturas geradas pelos homens*.

Os laços que unem mulheres aos homens são fortemente intensificados pela afetividade, tornando-as um *Outro* dentro de uma totalidade, mas, um *Outro* em sentido negativo diante da referência masculina afirmada. A necessidade biológica, o desejo sexual, colocam o homem sob dependência da mulher, mas nem assim as mulheres são libertadas socialmente.

Beauvoir afirma existir uma dificuldade para as mulheres fazerem parte da elaboração do mundo, “esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens [...]” (BEAUVOIR, 1970, p. 15). A filósofa cita a relação do *senhor e do escravo* na introdução de *O Segundo Sexo* para elucidar a situação das mulheres: “Certas passagens da dialética com que Hegel define a relação do senhor com o escravo se aplicariam também à relação do homem com a mulher.” (BEAUVOIR, 1970, p 85). Senhor e escravo estão unidos por uma situação de necessidade. O escravo não questiona ou, muitas vezes, não percebe a necessidade por parte do senhor e se submete, passando a servir o *seu senhor* até o fim de sua vida; já o senhor, ao contrário, jamais fará notar essa necessidade e dependência com relação ao escravo e sua força de trabalho. Algo semelhante vale para a situação das relações entre homem e mulher.

Afirma Beauvoir que a mulher sempre foi como uma *escrava do homem*, ela nunca compartilhou um mundo em igualdade de condições, mas sempre foi sua vassala. No entanto, mesmo entre os escravos, as mulheres escravas são subjugadas aos homens escravos e aí está a identificação de algo importante para analisarmos e tentarmos compreender no que diz respeito ao problema da subjugação feminina.

Beauvoir apontava a desigualdade extrema de condições entre homens e mulheres, cita exemplos em que os homens possuem salários mais altos, maiores possibilidades de êxito em relação às suas concorrentes; eles ocupam na política os cargos mais importantes em grande número, na indústria um maior número de lugares e sempre os postos mais importantes. “O presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens.” (BEAUVOIR, 1970, p.15), pois, afinal, essa história foi, até hoje, predominantemente contada por eles.

A mulher prende-se ao homem sem reclamar reciprocidade, ela não consegue se auto afirmar enquanto sujeito autônomo, pois está presa às amarras de questões primárias básicas para sua sobrevivência. Quando o homem se encarrega de garantir os recursos materiais para a

sobrevivência da mulher, automaticamente a mulher une-se a ele mais fortemente, passando a buscar sentido para sua existência na ligação e dependência ao homem, assim a sua transcendência é prejudicada e sua vontade é submetida a uma vontade alheia. Beauvoir defende o projeto existencialista para qualquer sujeito, que todos possam construir a si mesmos de forma autônoma.

Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência, só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto. (BEAUVOIR, 1970, p 22-23).

Para Simone esse é um referencial ético que deve ser levado a sério: “Todo indivíduo que se preocupa em justificar sua existência se sente impulsionado por uma necessidade indefinida de se transcender.” (BEAUVOIR, 1970, p. 23).

A transcendência é a possibilidade da consciência expressar sua liberdade, desvelando o ser, construindo a si, realizando possibilidades existenciais que identifica e coloca para si mesma, ultrapassando essas possibilidades na medida da expressão de sua liberdade. A mulher enquanto indivíduo existente possui inerentemente a liberdade, mas descobre-se em um mundo onde homens lhe impõem uma condição de *Outro sob subjugação*, um outro para o qual não se reconhece reciprocidade ou alteridade positiva, ela torna-se objeto sem imanência e sua transcendência é ultrapassada por uma outra consciência soberana: *o homem, o Sujeito absoluto*.

Beauvoir apresenta algumas questões importantes a serem refutadas, as quais buscará elucidar na primeira parte de *O Segundo Sexo*, a qual é dividida em dois capítulos: *Fatos e Mitos e Experiência Vivida*. Na primeira parte, denominada *O Destino*³ (subdividida em três outras partes: *os dados da biologia, o ponto de vista da psicanálise e o ponto de vista do materialismo*), alguns questionamentos são elaborados por Beauvoir:

Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais conduzem a um beco sem saída? Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? (BEAUVOIR, 1970, p. 23).

O problema geral, ressalta a filósofa, está em torno dos seguintes temas: como a

3 “[...] O fato de esta primeira parte ser denominada “Destino” é de extrema importância porque enfatiza como essas três instâncias supracitadas tentariam legitimar o discurso da má fé ao tentar atribuir uma essência a mulher e criar um lugar definido, um destino que a sobredetermina e a fixa numa situação de não transcendência. Ou seja, ao pretender criar um destino fisiológico, psicológico e econômico para a mulher. Beauvoir, portanto, identifica e refuta essas três instâncias que tentam bloquear a liberdade da mulher.” (RIBEIRO, 2013, p. 506).

realidade feminina foi constituída, por quais razões a mulher foi definida como o *Outro*; quais foram as consequências do ponto de vista masculino. Beauvoir justifica que não poderemos encontrar as respostas para essas questões se considerarmos apenas fatores econômicos como motivos principais para a submissão feminina, por isso existe a necessidade de elucidar essas questões por outra ótica (o olhar existencialista), mas levando em consideração uma análise crítica sobre a forma como a mulher é pensada sobre o ponto de vista da biologia, da psicanálise, e também do materialismo histórico dialético.

2.1. O PONTO DE VISTA DA BIOLOGIA

Muitas vezes na história os homens tentaram encontrar justificção para a condição a qual submeteram as mulheres, e isso revelou, com frequência, uma visão machista, a qual encarava (e encara) o sexo feminino como *fraco* ou mesmo como *inimigo*.

Ao compararmos com as demais espécies animais, o ato sexual é algo biologicamente natural. Mas, sob condições culturais, valores morais e religiosos, por exemplo, já transformaram o ato natural da relação sexual em algo que deveria ser reprimido ou controlado, e o foco sobre a mulher (e seu papel na reprodução) foi muito forte (em destaque o período da Idade Média até a Idade Moderna, na Europa).

O fator biológico interpretado sob *juízos de valor* sugere a mulher como mais vulnerável, no que diz respeito, por exemplo, à questão da reprodução e à condição a qual o corpo da mulher se dispõe nessa situação; tal já foi usado, também, para afirmar uma suposta inferioridade do sujeito feminino.

A MULHER? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. E se esse sexo parece ao homem desprezível e inimigo, mesmo nos bichos inocentes, é evidentemente por causa da inquieta hostilidade que a mulher suscita no homem; entretanto, ele quer encontrar na biologia uma justificção desse sentimento. (BEAUVOIR, 1970, p. 25).

Com o advento do patriarcado por muito tempo se acreditou, nas sociedades ocidentais, que o papel da mulher (mãe), na procriação, era apenas o de carregar a semente de vida e o pai seria o único *criador*. Aristóteles e Hipócrates acreditavam nessa doutrina e a teoria aristotélica foi fortemente defendida em toda a Idade Média até à época moderna. "Mesmo depois que se reconheceu ao óvulo papel importante na reprodução, um princípio ativo, os homens ainda tentaram opor a aparente inércia do óvulo à agilidade do espermatozoide." (BEAUVOIR, 1970, p. 30-31).

Os homens sempre tiveram muita liberdade para expressarem seus desejos sexuais e mesmo em épocas de moralismo religioso extremado, os homens mantiveram vantagens com relação às mulheres no que diz respeito à *liberdade sexual*. Nisso a condição biológica do homem, diferente da condição do corpo da mulher, o favoreceu e foi tomada como respaldo

para o desenvolvimento de uma cultura machista.

[...] o macho tem uma vida sexual que é normalmente integrada em sua existência individual: no desejo e no coito, sua superação na espécie confunde-se com o momento subjetivo de sua transcendência: ele e seu corpo. A história da mulher é muito mais complexa. Desde a vida embrionária, a provisão de óvulos já se acha constituída; o ovário contém cerca de cinquenta mil óvulos encerrados cada qual em um folículo, sendo que mais ou menos quatrocentos chegam à maturação do sistema genital.” (BEAUVOIR, 1970, p. 47).

Comentando *O Segundo Sexo*, Djamilia Ribeiro destaca a questão da instância da biologia a qual classifica como *Sexismo Biológico*. “O sexismo biológico pretende marcar uma inferioridade da mulher” (RIBEIRO, 2013, p 507). Com relação aos hormônios, por exemplo, são atribuídas características diferentes para os hormônios femininos e masculinos, características que são relacionadas a comportamentos e qualidades de personalidade. A progesterona e o estrogênio, hormônios vistos como *femininos* (pois aparecem em maior quantidade no corpo da mulher), são identificados como relacionados a emoções que seriam supostamente femininas. Já no homem, a testosterona é vista como um hormônio que determinaria um comportamento relacionado à força: o homem mais aguerrido, pronto para assumir seu papel de macho alfa (líder). A mulher é encarada como mais fraca, pela projeção de seus hormônios, o que justificaria sua aptidão ao convívio no conforto do lar e à maternidade.

Os fatores biológicos, por si mesmos, não podem ser motivos para classificar a mulher como sujeito desprovido de qualidades positivas, mas, na forma como foram interpretadas sob *juízos de valor* muitas características biológicas foram usadas para alimentar uma ideologia de superioridade do masculino sobre o feminino.

Em comparação com os animais de outras espécies, em especial os mamíferos, a fêmea humana é profundamente afetada pela condição de seu próprio corpo no destino da maternidade: “[...] dir-se-ia que seu destino se faz tanto mais pesado quanto mais ela se revolta contra ele, afirmando-se como indivíduo.” (BEAUVOIR, 1970, p. 52).

A Mulher na passagem da maternidade torna-se apenas um objeto de reprodução e fecundação através de seu corpo, sendo também afetada pelo sofrimento nessa condição (a dificuldade enfrentada pela mulher grávida que tem seu corpo modificado durante a gravidez, depois a dor no parto).

O peso da condição da mulher grávida se faz notar quando comparado à condição de outros animais mamíferos ditos *irracionais*. A mulher através de sua consciência percebe-se sendo objetificada, em um mundo onde o ideal afirmado socialmente é esse que lhe é imposto.

Isso é sentido como um empecilho, atrapalhando a construção da autonomia do sujeito feminino: “A relação da maternidade com a vida individual é naturalmente regulada nos animais pelo ciclo do cio e das estações: ela é indefinida na mulher; só a sociedade pode decidir sobre ela.” (BEAUVOIR, 1970, p. 55).

Em outras espécies de mamíferos existe uma curta duração no período da gestação, mas na fêmea humana o seu prolongamento muitas vezes é encarado como uma *maldição* de seu destino. “[...] crises da puberdade e da menopausa, maldição mensal, gravidez prolongada e não raro difícil, parto doloroso e por vezes perigoso, doenças, acidentes, são características da fêmea humana.” (BEAUVOIR, 1970, p. 52).

Segundo a sociedade exija maior ou menor número de nascimentos, segundo as condições econômicas e mesmo higiênicas em que se desenvolvam a gravidez e o parto, a escravização da mulher à espécie faz-se mais ou menos estreita. “Assim, se podemos dizer que entre os animais superiores a existência individual se afirma mais imperiosamente no macho do que na fêmea, na humanidade as "possibilidades" individuais dependem da situação econômica e social”. (BEAUVOIR, 1970, p. 55).

A biologia é usada como base de sustentação para a legitimação ideológica da inferioridade da mulher em sociedade, o seu corpo é condicionado por pressões sociais e culturais ao papel da maternidade e atividades domésticas.

A aplicação da biologia na questão de gênero, como lembra Djamila Ribeiro, *nos faz tomar diferenças biológicas como algo que tenha significado social* (RIBEIRO, 2013, p.507), com o intuito de legitimar uma situação de subjugação. No entanto, recordamos que Beauvoir não fazia distinção entre os termos sexo e gênero (sendo o sexo biológico e o gênero cultural), lembrando que *O Segundo Sexo* foi publicado em 1949.

A mulher assumindo o seu papel biológico de *mãe e dona do lar* fica acometida a essas tarefas, sua alteridade é negada em vista de que o Homem é o sujeito soberano da situação e a Mulher só se faz notar pela reprodução, sob influência de determinações sociais e culturais.

A consciência que a mulher adquire de si mesma não pode ser definida unicamente pela sexualidade porque a consciência, se formos fazer jus a sua definição, não pode em nenhuma hipótese estar fundada na biologia. Em entrevista concedida em 1979 a Margaret Simons e Jessica Benjamin, disse Beauvoir: “Há, de fato, uma diferença biológica, e que não deveria, mas é utilizada como base da diferença sociológica.” (RIBEIRO, 2013, p. 508).

O corpo, no entanto, não é percebido como *algo em si, ou exclusivamente como*

organismo, mas é percebido pelo sujeito através da influência cultural, ou seja, a sociedade em questão irá dar significado a qualidades físicas escolhidas e moldar a forma como os corpos do homem e da mulher devem ser encarados. Nesse sentido notamos que, no decorrer da história das sociedades ocidentais, o corpo da mulher foi visto como algo inferior (em vários aspectos) ao corpo do homem, e muitas vezes como objeto com fins práticos (para a reprodução), ou como fonte de prazer para o homem, desrespeitando a dignidade do sujeito feminino: “O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial.” (BEAUVOIR, 1970, p. 23).

Oliva (2014) lembra que o corpo enquanto organismo não é somente a base para a construção da Mulher, mas é historicamente reinterpretado, e essas interpretações influenciam diretamente na situação da mulher que, desde a infância, se vê condenada à submissão e inferioridade em relação ao homem

Outra comentarista, Nancy Bauer (2017), também, lembra que Beauvoir (ao escrever o capítulo sobre os dados da biologia) destacava que, embora exista a diferença biológica entre machos e fêmeas, essas diferenças não podem ser o critério para inferiorizar a mulher, negando a sua participação no mundo (a sua transcendência). O destino da maternidade condena o corpo feminino a uma categoria de *quase escravidão*⁴, no entanto, a maternidade pode ser uma opção escolhida pela mulher (isso, obviamente, em épocas, sociedades e circunstâncias que ofereçam a opção da “escolha”), se for assim, então, o sujeito feminino, em certa medida, possuirá efetivamente liberdade de escolha.

Para Beauvoir o corpo faz parte da elaboração do mundo, ele é imanência. A noção de corpo como parte da existência é fundamental, porém, o corpo compreendido como mero organismo, corpo físico, é lapidado pelos significados que o mundo simbólico (da cultura) lança sobre ele e, como os homens dominaram por muito tempo a condução da política (e ainda possuem hegemonia), o âmbito religioso e a filosofia, nas sociedades humanas (em especial no

4 “Durante anos as intelectuais feministas consideraram as observações de Beauvoir sobre a maternidade em O Segundo Sexo, assim como em suas memórias e ficção, em função de sua patologia, medo de que, como mulher, ela fosse biológica e socialmente destinada a ser mãe. De acordo com a versão mais crua da história, Beauvoir, em todo O Segundo Sexo, não expressa nada além de desprezo pelos aspectos fisiológicos, psicológicos e existenciais, dimensões da maternidade. No capítulo intitulado “Dados biológicos” Beauvoir afirma que ser mulher equivale a ser vítima desamparada de alguém, algo caracterizado pela capacidade fisiológica de produzir bebês. Pelo menos onze vezes no capítulo ela diz explicitamente que as mulheres são “escravas” da espécie humana.” (BAUER, 2017, p. 147). Tradução minha.

Ocidente) temos muito clara uma imposição hierárquica, repleta de juízos de valor, sobre os corpos masculino e feminino, onde o corpo feminino é visto como inferior, mais frágil e mais fraco.

Desde que aceitamos uma perspectiva humana, definindo o corpo a partir da existência, a biologia torna-se uma ciência abstrata; no momento em que o dado fisiológico (inferioridade muscular) assume uma significação, esta surge desde logo como dependente de todo um contexto; a "fraqueza" só se revela como tal à luz dos fins que o homem se propõe, dos instrumentos de que dispõe, das leis que se impõe. (BEAUVOIR, 1970, p. 55).

Simone considerava que a biologia nos trazia algumas respostas para resolver a questão de por qual motivo as mulheres são subjugadas pelos homens e classificadas como inferiores na visão machista que impregna as sociedades humanas, no entanto, é preciso levar em consideração a relação da consciência do sujeito com seu corpo e o mundo onde se insere. Assim, afirmava:

É portanto, à luz de um contexto ontológico, econômico, social e psicológico que teremos de esclarecer os dados da biologia. A sujeição da mulher à espécie, os limites de suas capacidades individuais são fatos de extrema importância; o corpo da mulher é um dos elementos essenciais da situação que ela ocupa neste mundo. Mas não é ele tampouco que basta para a definir. Ele só tem realidade vivida enquanto assumido pela consciência através das ações e no seio de uma sociedade; a biologia não basta para fornecer uma resposta à pergunta que nos preocupa: Por que a mulher é o Outro? Trata-se de saber como a natureza foi nela revista através da história; trata-se de saber o que a humanidade fez da fêmea humana. (BEAUVOIR, 1970, p. 57).

2.2. O PONTO DE VISTA PSICANALÍTICO

Beauvoir reconhece as contribuições do pensamento psicanalítico para a compreensão de que o corpo não é tomado cruamente como algo material. O corpo biológico é revestido de sentido pelo sujeito e são esses sentidos (todo o simbolismo atribuído ao corpo) que vão influenciar a forma como o sujeito encara a si mesmo enquanto consciência dotada de um corpo. Isso na psicanálise aparece relacionado aos problemas de comportamento que a psicanálise como terapia tenta sanar com seus métodos próprios, mas tem importante significado para a compreensão da questão da mulher que aqui nos preocupa. A mulher é uma fêmea na medida em que se sente fêmea. “[...] Não é a natureza que define a mulher: esta é que se define retomando a natureza em sua afetividade”. (BEAUVOIR, 1970, p.59).

Beauvoir, citando Sartre e Merleau-Ponty, afirma: *a sexualidade é coextensiva à existência* (BEAUVOIR, 1970, p.60), essa proposição pode ser compreendida de duas formas: todo corpo do existente tem uma significação *sexual* ou o fenômeno sexual é, também, um fenômeno existencial. Aqui podemos encontrar uma aproximação com relação à psicanálise, porém, veremos que a existencialista Beauvoir não concordava com a visão freudiana sobre as mulheres, a qual considerava muito reducionista e superficial, já que não tocava na raiz do problema da subjugação feminina.

Para Beauvoir, Freud não se preocupou nem um pouco com o destino da mulher; as descrições sobre o que é ser mulher estão calcadas no masculino, como se o homem fosse um espelho onde a mulher buscaria referência. No entanto, Freud admitia que a sexualidade feminina era tão complexa quanto a do homem, mas não buscava aprofundar essa afirmação.

Beauvoir interpretava que Freud recusava colocar a libido feminina em sua originalidade, pare ele se tratava de um desvio complexo da própria libido cujo modelo original (para Freud) era masculino.

Na psicanálise freudiana, a personalidade do sujeito se desenvolve em consonância com sua sexualidade, passando por fases de desenvolvimento que são semelhantes para ambos os sexos: todas as crianças passam por uma fase oral (dependendo do seio materno), em seguida para uma fase anal; uma fase fálica; fase de latência, atingindo finalmente a fase genital, e é nesta última fase que os sexos se diferenciam propriamente.

A passagem da puberdade para a mulher (na fase genital) é mais complexa, ela passa do

prazer clitoriano ao vaginal, enquanto para o homem tal processo é mais simples, pois se concentra no pênis.

O pênis é considerado na infância o órgão erótico privilegiado e concentra a atenção das *análises* psicanalíticas, as quais desprezam a especificidade da anatomia feminina. Segundo a visão freudiana, em um processo de projeção, a menina objetiva no homem sua libido; isso é explicado pelo *complexo de Electra*.

[...] o definiu menos em si mesmo do que a partir da forma masculina; admite, entretanto, que há entre os dois importante diferença: a menina possui, inicialmente, uma fixação materna, enquanto o menino nunca é atraído sexualmente pelo pai. Essa fixação é uma sobrevivência da fase oral; a menina identifica-se, então, com o pai, mas por volta dos cinco anos descobre a diferença anatômica dos sexos e reage à ausência do pênis por um complexo de castração. Imagina ela ter sido mutilada e sofre por isso. Deve, assim, renunciar às suas pretensões viris, identifica-se com a mãe e procura seduzir o pai. Complexo de castração e complexo de Electra fortalecem-se mutuamente; o sentimento de frustração da menina é tanto mais doloroso quanto, amando o pai, gostaria de assemelhar-se a ele; e, inversamente, essa tristeza de não poder, fortalece seu amor; é pela ternura que inspira ao pai que ela pode compensar sua inferioridade. A menina sente em relação à mãe um sentimento de rivalidade, de hostilidade. Depois, nela também o superego se constitui, as tendências incestuosas são recalcadas mas o superego é mais frágil: o complexo de Electra é menos nítido do que o de Édipo, pelo fato de a primeira fixação ter sido materna. (BEAUVOIR, 1970, p.61-62).

Já o comportamento do menino é explicado pelo *Complexo de Édipo*. O menino fixa-se na mãe querendo identificar-se com o pai. O menino cria uma fixação forte pela mãe, mas percebendo que a mãe é ligada emocionalmente ao pai, teme que o pai o castigue quando perceber sua pretensão. Do *Complexo de Édipo* nasce o *Complexo de Castração*, um período no qual o menino desenvolve sentimentos agressivos pelo pai, e o superego é constituído em meio a essas tendências incestuosas, em uma interiorização por parte da criança (do sexo masculino) da autoridade paterna. Ao desenvolver o *superego* a censura interiorizada e sob a forma de regras morais, reprime as tendências incestuosas e o conflito é aliviado no sujeito.

Para a menina o processo de desenvolvimento de sua psiquê e sexualidade é mais complexo e complicado e isso, segundo a psicanálise, deve-se ao fato de que a menina em determinado momento percebe não possuir o falo, o que gera um conflito interno por não poder mais identificar-se com a figura paterna, da qual se vê diferenciada e ter, então, que buscar identificação com a mãe que antes era o objeto de fixação, passando a *rivalizar* com a mãe pela atenção paterna. “Há somente uma etapa genital para o homem enquanto há duas para a mulher; ela se arrisca bem mais do que ele a não atingir o termo de sua evolução sexual, a permanecer no estágio infantil e, conseqüentemente, a desenvolver neuroses”. (BEAUVOIR, 1970, p.61).

Beauvoir critica o *Complexo de Electra* salientando que Freud supõe a mulher ser como um homem mutilado após a frustração em perceber não ter um pênis, o que gera conflitos sobre seu corpo, reprimindo-se na busca em querer seduzir o pai, mas Freud não explicaria por qual motivo o pênis é tomado com um órgão privilegiado, o que só poderia ser realmente explicado por fatores culturais, simbólicos e não naturais.

Isso leva o pai a ser considerado como soberano, como figura que concentra a atenção e admiração tanto do menino quanto da menina. A soberania do pai só poderia ser explicada por fatores de ordem social. Para reforçar essa ideia, ela lembra que no ensaio de Freud: “*Moisés, seu povo e a religião monoteísta*”, ele mesmo admite que essa autoridade paterna é conferida ao homem pelo advento de um suposto *progresso* na sociedade.

Todo o existente é um corpo sexuado e nossas relações se dão por intermédio dos corpos e em meio social. Sexualidade e corpo são expressões concretas da nossa existência, e nossa existência se dá em interação social. A sexualidade não deve ser encarada como um dado irreduzível, mas o que é preciso compreender é como se dão as escolhas individuais em meio ao coletivo, sob pressão de imposições culturais diversas. A psicanálise precisaria reconhecer que suas explicações só ganham consistência levando em consideração o contexto histórico e social. Já existiram sociedades matriarcais, nas quais a figura feminina era central e a cultura girava em torno do simbolismo feminino. Em tais sociedades, a psicanálise freudiana teria dificuldades de aplicar seus esquemas.

Para Beauvoir, os psicanalistas estão errados ao considerarem que a verdade primeira do homem é uma relação com seu próprio corpo sob a orientação de uma suposta fórmula pré-estabelecida e inerente à estrutura psíquica do sujeito, sempre impulsionada pela sexualidade. O que podemos considerar como verdadeiro é o interesse do humano em moldar seu próprio mundo, de forma livre e não restrita a um critério específico. “O homem pretende alcançar concretamente a existência através do mundo interior, aprendido de todas as maneiras possíveis.” (BEAUVOIR, 1970, p.66-67).

Beauvoir descarta a psicanálise como fonte de interpretação sobre a condição da mulher. Para ela, a teoria freudiana estava carregada de muitos preconceitos e pressuposições inconsistentes que na verdade reafirmavam a situação de soberania do homem. Diante disso, a filósofa toma partido a favor da visão existencialista e argumenta que a mulher, assim como o homem, também quer realizar seu ser, expressar liberdade, concretizar seus projetos, construir seus valores, e não é apenas uma sombra “castrada” do masculino, embora reconheça o peso da

moral e cultura da sociedade atrapalhando a expressão de liberdade da mulher e restringindo suas possibilidades de ação.

2.3 O PONTO DE VISTA DO MATERIALISMO HISTÓRICO

Para Simone de Beauvoir o materialismo⁵ coloca em evidência muitas verdades importantes, algumas que se aproximam de constatações da psicanálise, como a noção de que a natureza é interpretada (sentida ou percebida) pelo sujeito sob a influência de valores e símbolos adquiridos na cultura da sociedade. Vimos, no entanto, que a psicanálise freudiana acabou por se perder em um esquema que se distanciou dessa básica constatação de cunho antropológico. O Materialismo Histórico, por sua vez, destacou o caráter mutável da espécie humana *em movimento dialético* na história: “A humanidade não é uma espécie animal: é uma realidade histórica.” (BEAUVOIR, 1970, p. 73).

A espécie muda a forma como encara a si mesma no decorrer da história, mas, ao mesmo tempo, está dividida em sociedades, as quais, por sua vez, estão divididas em classes dispostas em uma ordenação hierárquica.

Para o Materialismo Histórico Dialético (teoria desenvolvida por Karl Marx e F. Engels) o que impulsiona a história humana é a luta de classes, a qual tem como base o modo como as sociedades humanas se organizam: toda sociedade tem como pilar um *modo de produção* (a estrutura da sociedade), que é a forma como a sociedade organiza o trabalho necessário para transformar os recursos extraídos da natureza em produtos que serão consumidos pela sociedade (de alguma forma) ou trocados (comercializados) com outras sociedade. Com exceção do *comunismo primitivo* e do *comunismo futuro* (almejado pelos movimentos socialistas), todo modo de produção gera divisão na sociedade.

O modo de produção produz uma superestrutura que abrange cultura (mundo simbólico em geral), Estado, política, religião, arte. A superestrutura molda a forma como os indivíduos compreendem o mundo e a si mesmos na sociedade em questão, mas a classe, a qual o indivíduo pertence, também é uma situação que molda sua visão de mundo. Porém, a *classe dominante* que controla a sociedade (por deter a propriedade privada dos meios de produção e (ou) o controle sobre o Estado) pode impor sua visão de mundo e interesses através da ideologia que

⁵ As aproximações com o materialismo histórico dialético são percebidas com mais clareza ao final de *O Segundo Sexo*, ver mais em: “A SUPERACÃO DA CONDIÇÃO DE SUBJUGAÇÃO DAS MULHERES E SEU SIGNIFICADO PARA A HISTÓRIA HUMANA (O pensamento de Simone de Beauvoir em diálogo com o materialismo histórico dialético)”. (FELDEN, P. COELHO, P. 2018. p.468-477).

irá persuadir as demais classes a obedecer suas ordens e vontades.

Seguindo os princípios do Materialismo Histórico e Dialético poderíamos dizer que a espécie humana transforma a si mesma em interação com a natureza seguindo na história um movimento de ordem dialética, mas esse movimento carrega o conflito interno da espécie. Ele é, por ser dialético, um movimento de contradições e superação de contradições.

Com relação às mulheres, o Materialismo, na figura de Engels, tentou apresentar uma explicação para a questão da subjugação da mulher. Engels lembrou que, desde a pré-história da humanidade, quando observamos registros e indícios culturais de grupos humanos ditos *primitivos*, o homem foi retratado como detentor de maior poder, com grande habilidade e capacidade para criação de instrumentos, aparecendo sempre, em pinturas rupestres, com armas (lanças, por exemplo)⁶. Em uma época na qual a força era definida como o domínio do mais forte, a mulher era considerada fisicamente fraca, e a suposta fraqueza física lhe era marcada como uma condição de inferioridade. Beauvoir afirma, porém, que a diferença muscular que separa o homem da mulher está sob a condição de necessidade: “[...] só cria superioridade na perspectiva de uma necessidade” (BEAUVOIR, 1970, p. 63); quando essa força passa a ser comparada na operação de máquinas modernas, parece ser irrelevante ser *fisicamente forte*, pois para operar máquinas modernas não há necessidade de grande esforço físico, já que a tecnologia aprimorada possibilita a qualquer sexo operá-la.

[...] que a técnica anule a diferença muscular que separa o homem da mulher: a abundância só cria superioridade na perspectiva de uma necessidade; não é melhor ter demais do que não ter bastante. Assim, o manejo de numerosas máquinas modernas não exige mais do que uma parte dos recursos viris. Se o mínimo necessário não é superior às capacidades da mulher, ela torna-se igual ao homem no trabalho. Efetivamente, pode-se determinar hoje imensos desenvolvimentos de energia simplesmente apertando um botão. (BEAUVOIR, 1970.p 74).

Engels em “*A origem da família, da propriedade privada e do estado*” tentou explicar a subjugação da mulher na história. Retomando observações sobre a chamada *Idade da Pedra* (uma fase na qual a vida nômade teria coexistido por um tempo com a descoberta da agricultura em seus primórdios), época em que supostamente havia ainda igualdade entre homens e

6 Há pesquisas recentes que sugerem que as mulheres também caçavam nessa época. Ver mais no artigo: HAAS, Randall, WATSON, James, BUONASERA, Tammy, SOUTHON, John, CHEN, Jennifer C., NOE, Sarah, SMITH, Kevin, LLAVE, Carlos Viviano, EERKENS, Jelmer, PARKER, Glendon. **Female hunters of the early Americas**. SCIENCE ADVANCES – Revista American Association for the Advancement of Science, Vol. 6, no. 45, NOV-2020, p. 1-10). (Disponível em: <<https://advances.sciencemag.org/content/6/45/eabd0310/tab-pdf>>).

mulheres (embora as atividades realizadas fossem diferentes entre os sexos), Engels buscou identificar a transição para uma outra forma de organização social que teria mudado também a relação entre homens e mulheres.

Ainda sob o *comunismo primitivo*, enquanto o homem caçava e pescava, a mulher permanecia no lar cuidando das crianças e preparando alimentos, mas essa divisão de tarefas não gerava hierarquia: “[...] as tarefas domésticas comportam um trabalho produtivo: fabricação dos vasilhames, tecelagem, jardinagem, e com isso ela desempenha um papel importante na vida econômica”. (BEAUVOIR, 1970, p.74).

Segundo Engels, mudanças tecnológicas, que levaram a intensificação da agricultura, tornaram as sociedades mais sedentárias e aprimoraram uma divisão primitiva do trabalho, porém ainda por um tempo os dois sexos teriam coexistido (até certo ponto) em igualdade, dado que a divisão dos recursos continuou igualitária e toda tarefa realizada era vista como importante para a sobrevivência da comunidade.

Quando a agricultura se estendeu aos domínios da descoberta do cobre, do estanho, do bronze, do ferro e com o aparecimento da charrua, o trabalho torna-se intensivo, ocupou-se de outras atividades mais abrangentes em meio às novas conquistas tecnológicas do momento, os campos tornaram-se mais produtivos, o homem passa a utilizar o trabalho de outros homens. Aí identificamos uma transformação nas relações humanas, nesse instante, a propriedade privada aparece, surge o *senhor dos escravos e da terra* e o homem torna-se proprietário da mulher. Beauvoir utiliza a passagem de *Engels* em “*A origem da família, da propriedade privada e do estado*” para esclarecer:

[...] Nisso consiste "a grande derrota histórica do sexo feminino". [...] "A mesma causa que assegurara à mulher sua autoridade anterior dentro da casa, seu confinamento nos trabalhos domésticos, essa mesma causa assegurava agora a preponderância do homem. O trabalho doméstico da mulher desaparecia, então, ao lado do trabalho produtivo do homem; o segundo era tudo, o primeiro um anexo insignificante" (ENGELS apud BEAUVOIR, 1970.p.74-75).

No processo histórico que levou ao aparecimento da propriedade privada, a família patriarcal aparece e a transmissão da propriedade será concedida apenas de pai para filho e não mais da mulher para seu clã; conseqüentemente, nessa esfera familiar, a mulher tornou-se oprimida.

Beauvoir afirma que a opressão social que sofre a mulher é consequência direta de uma opressão econômica. A libertação do sexo feminino exigiria a participação da mulher nas

esferas públicas. “A igualdade poderá se restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na atividade pública.” (BEUAVOIR, 1970, p. 75).

Para Beauvoir, o destino da mulher e o socialismo parece que estão fortemente ligados. Beauvoir lembra a consagrada obra de Bebel⁷ sobre a mulher. Bebel afirmava que a mulher e o proletário são ambos oprimidos.

A mulher passa a encontrar no mundo moderno uma aparente igualdade com o homem através das modificações provocadas pelo maquinismo. Existe a possibilidade para sua libertação, a força do trabalho não é mais a classificação única para o mais forte. O processo de igualdade entre a mulher e o proletário poderiam prevalecer, segundo Beauvoir. O ideal socialista é uma ferramenta importante para atingir a tão sonhada igualdade para a mulher.

[...] O problema da mulher reduz-se ao de sua capacidade de trabalho [...]. Já o é na U.R.S.S., afirma a propaganda soviética. E quando a sociedade socialista tiver dominado o mundo inteiro, não haverá mais homens e mulheres, mas tão-somente trabalhadores iguais entre si”. (BEUAVOIR, 1970, p. 75).

Apesar de simpatizar com o socialismo científico, Beauvoir discordava de alguns pressupostos no que diz respeito à questão das mulheres. O materialismo histórico considera certos e verdadeiros fatos que na verdade é preciso explicar.

Afirma, sem discuti-lo, o lado de interesse que prende o homem à propriedade: mas onde esse interesse, mola das instituições sociais, tem, ele próprio, sua origem? A exposição de Engels permanece, portanto, superficial e as verdades que descobre parecem-nos contingentes. (BEUAVOIR, 1970, p. 76).

A ideia de posse só parece ter sentido a partir de uma condição original, a qual, para Beauvoir, precisa partir de uma condição do existente. Esse autoafirmar-se enquanto sujeito fez com que o homem, antes desprovido de sua força sobre a natureza, a dominasse. Com a descoberta do bronze iniciou-se esse processo (umas das primeiras descobertas do homem para o manejo de utensílios e armas), o que impulsionou o ser humano para o domínio da Natureza. No entanto, essa realização nunca seria efetivada se o homem não a tivesse desejado.

⁷ Ferdinand August Bebel (1840-1913) foi um ativista político e escritor alemão, fundou e liderou o Partido Social-Democrata Alemão. A obra mencionada por Beauvoir é considerada uma das principais obras literárias de Bebel, “A mulher e o socialismo”, publicada em 1879, busca trabalhar o tema da emancipação da mulher.

Em Engels, afirma Beauvoir, só se compreendeu muito bem a *fraqueza muscular*⁸ da mulher em relação à sua inferioridade diante de tecnologias derivadas do uso do bronze e do ferro. Mas Engels não compreendeu que os limites da capacidade do trabalho da mulher só se tornaram uma desvantagem concreta dentro de uma dada perspectiva. O homem projeta novas exigências através de toda nova tecnologia que cria.

Quando inventou os instrumentos de bronze não se contentou mais com explorar os jardins; quis arrotear e cultivar vastos campos; não foi do bronze em si que jorrou essa vontade. A incapacidade da mulher acarretou-lhe a ruína porque o homem apreendeu-a através de um projeto de enriquecimento e expansão. E esse projeto não basta ainda para explicar por que ela foi oprimida: a divisão do trabalho por sexo poderia ter sido uma associação amigável. (BEAUVOIR, 1970, p. 77).

Se o homem buscasse uma relação de amizade com seu semelhante, não haveria uma soberania. Porém, o homem transplantou seu egoísmo para a relação entre os sexos e escolheu ser o *Sujeito Absoluto*, enquanto a mulher passou a ser encarada como o *Outro em sentido negativo, o inferior*. Assim, afirma Beauvoir:

Se a relação original do homem com seus semelhantes fosse exclusivamente uma relação de amizade, não se explicaria nenhum tipo de escravização: esse fenômeno é consequência do imperialismo da consciência humana que procura realizar objetivamente sua soberania. Se não houvesse nela a categoria original do Outro, e uma pretensão original ao domínio sobre o Outro, a descoberta da ferramenta de bronze não poderia ter acarretado a opressão da mulher. (BEAUVOIR, 1970, p. 77-78).

Engels tentou explicar o caráter singular dessa opressão, tentando reduzir a oposição dos sexos a um conflito de classes. Beauvoir concorda com Engels em certa medida. Existe de fato uma divisão do trabalho por sexo e classes, mas a opressão que resulta da divisão de classes precisaria ser mais esclarecida, pois, o que se nota, é que a mulher é oprimida em todas as classes.

Para Beauvoir, o materialismo menospreza o caráter dramático da sexualidade. A mulher é um objeto erótico para o homem, ela ainda não é vista como uma força de trabalho independente. A mulher passa a assumir um papel importante na comunidade, geralmente

8 “[...] é impossível deduzir a opressão da mulher da propriedade privada. Ainda aqui a insuficiência do ponto de vista de Engels é manifesta. Ele compreendeu muito bem que a fraqueza muscular da mulher só se tornou uma inferioridade concreta na sua relação com a ferramenta de bronze e de ferro, mas não viu que os limites de sua capacidade de trabalho não constituíam em si mesmos uma desvantagem concreta senão dentro de dada perspectiva. É porque o homem é transcendência e ambição que projeta novas exigências através de toda nova ferramenta”. (BEAUVOIR, 1970, p. 74).

quando sua capacidade reprodutora é vista como indispensável para a sobrevivência da sociedade.

O que é mais grave ainda é que não se poderia, sem má-fé, considerar a mulher unicamente uma trabalhadora; tanto quanto sua capacidade produtora, sua função de reprodutora é importante na economia social como na vida individual; há épocas em que ela é mais útil fazendo filhos do que empurrando a charrua. (BEAUVOIR, 1970, p. 78).

Apesar das críticas ao Materialismo Histórico e Dialético, veremos, no capítulo final do presente trabalho, que Beauvoir reconhecia a importância do ideal socialista para a transformação das sociedades humanas rumo a uma situação de igualdade e maior liberdade, mas que esse ideal só se realizaria plenamente se levasse em consideração a condição da mulher subjugada nas sociedades humanas em geral, mesmo dentro da própria classe proletária, sofrendo com o machismo em todos os âmbitos da sociedade.

As oposições do materialismo contra o Modo de Produção Capitalista e a Ideologia Liberal, também eram para Beauvoir relevantes, já que a liberdade que as mulheres aparentam ter nas sociedades ditas *democráticas* do Ocidente (que adotam o modelo *liberal de democracia*) é, na verdade, apenas uma ilusão que atende a uma demanda por mão de obra e mercado consumidor por parte do mercado capitalista.

Para Beauvoir, portanto, podemos considerar algumas contribuições da biologia, da psicanálise e do materialismo, mas reconhecendo que o corpo, a vida sexual, as técnicas, só existem para o homem na medida em que ele busca transcendência, e sua soberania é consequência de um processo de construção de mundo e valores. Todo ser quer *ser* um *existente* no mundo, afirma-se. Nesse enredo, as mulheres acabaram por cair na submissão, foram oprimidas violentamente e rebaixadas aos interesses dos homens.

3. ALTERIDADE E CONFLITO NA HISTÓRIA DAS SOCIEDADES HUMANAS

A relação do *eu* com o *outro* (relação de conflito) entre os sexos no interior da espécie, tomada como coletividade social, está sobreposta em uma hierarquia de poder, na qual o homem é *sujeito soberano* e a mulher um *Outro* em sentido negativo, dado que não se reconhece reciprocidade para esse *Outro*.

Beauvoir demonstra a preocupação em compreender os motivos que levaram os homens a imporem suas vontades sobre as mulheres no sentido da anulação do sujeito feminino. Olhando para dados etnográficos e historiográficos, a filósofa busca material para dar mais consistência à sua análise e esclarecer as categorias de *alteridade* e *reciprocidade* presentes nessa relação de disparidade entre homens e mulheres: “É revendo à luz da filosofia existencial os dados da pré-história e da etnografia que poderemos compreender como a hierarquia dos sexos se estabeleceu.” (BEAUVOIR, 1970, p. 81).

A autora identifica, na relação entre *categorias humanas*, uma tendência de estabelecimento de hierarquias e a dominação de um grupo sobre outro, em especial quando uma dessas categorias humanas é *privilegiada*. A questão levantada pela pensadora é “problematizar o que motivou tal dominação e em que momento histórico essa situação ficou explícita”, no caso específico da subjugação das mulheres aos interesses dos homens.

Já verificamos que, quando duas categorias humanas se acham em presença, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma das duas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. Mas que privilégio lhe permitiu satisfazer essa vontade? (BEAUVOIR, 1970, p. 81).

Para a filósofa, as informações fornecidas pelos historiadores e etnógrafos a respeito das formas primitivas da sociedade humana são informações contraditórias. “*É singularmente difícil ter uma ideia da situação da Mulher no período que precedeu o da agricultura*” (BEAUVOIR, 1970, p. 81). O pouco que se sabe diz respeito aos trabalhos destinados às mulheres em tal período: eram elas que carregavam os fardos durante os comboios. A função de *carga* era destinada a elas, pois, assim, os homens estariam liberados para a manutenção da segurança contra possíveis agressões de outros homens ou animais durante a viagem, afirma Beauvoir.

Podemos perceber avaliando evidências históricas e arqueológicas que muitas mulheres no período que antecedeu a agricultura eram robustas e resistentes para participar das expedições, e algumas eram até mesmo guerreiras: “Segundo as narrativas de Heródoto, as descrições relativas às Amazonas do Daomé e muitos outros testemunhos antigos e modernos, aconteceu de mulheres tomarem parte em guerras e vinditas sangrentas.” (BEAUVOIR, 1970, p. 82). As mulheres amazonas do Daomé, nestas circunstâncias, mostram a mesma coragem e crueldade atribuídas geralmente aos homens.

[...] Na luta contra o mundo hostil as servidões da reprodução representavam para elas um terrível handicap: conta-se que as amazonas mutilavam os seios, o que significava que, pelo menos durante o período de sua vida guerreira, recusavam a maternidade. Quanto às mulheres normais, a gravidez, o parto, a menstruação diminuíam sua capacidade de trabalho e condenavam-nas a longos períodos de impotência (BEAUVOIR, 1970, p.82).

Reconhecendo que as informações arqueológicas e etnográficas não são suficientes para esclarecer o problema, Beauvoir recorre à dialética de Hegel, quem, em sua obra *Fenomenologia do Espírito* (já citado no capítulo anterior), define a relação entre o *senhor e o escravo*, exposição que, segundo a filósofa, pode ser aplicada muito melhor na relação entre *Homem e Mulher*. “A definição de Hegel aplica-se singularmente a ela”, afirma Beauvoir⁹. Hegel¹⁰ é referência para o desenvolvimento da definição de *alteridade* na obra de Beauvoir.

Para Mercedes Expósito García, todo o trabalho de Beauvoir busca investigar a noção de *Outro* para *Outro*, sendo que o *Outro*, central em sua investigação, é o *Outro* feminino. Todo centro investigativo filosófico de Beauvoir, segundo Expósito Garcia, está na busca da noção de alteridade para compreender o papel do *Outro* no que diz respeito ao sujeito feminino.

O traballo de Beauvoir intenta inscribir ao Outro (que no caso que nos ocupa é Outra –un Outro feminino) no centro mesmo do discurso. Pensar o Outro sitúa o tema da alteridade no centro da investigación filosófico literaria. O Outro como categoría, como referencia na construción da identidade e do Suxeito, fora analizado por Hegel, autor que Beauvoir toma como referencia á hora de elaborar o seu propio pensamento filosófico. Logo de Beauvoir unha boa parte do pensamento francés ligado á

9 "A outra [consciência] é a consciência dependente para a qual a realidade essencial é a vida animal, isto é, o ser dado por uma entidade outra." (HEGEL apud BEAUVOIR, 1970, p. 85).

10 “[...] a noción de experiencia da conciencia, central en Hegel, tamén deixa a súa pegada en Simone de Beauvoir. O seu extenso traballo literario apunta en múltiples sentidos e cos mais variados matices a esta noción fundamental –ata tal punto que *A experiencia vivida* figura como subtítulo do segundo tomo da súa obra *O segundo sexo*. Tamén a expresión *Os feitos e os mitos*, o subtítulo do primeiro tomo, está relacionado coa noción de experiencia. Aquí xa non se trataría da experiencia vivida, a experiencia individual senón, pola contra, da experiencia colectiva, a experiencia histórico-cultural-simbólica”. (GARCÍA, 2009, p. 134, *grifos da Autora*). *Direto do idioma original-Galego. Disponível em:* (<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3167489>>).

deconstrucción seguirá este mesmo camiño. (GARCÍA, 2009, p 133)¹¹.

A noção da experiência da consciência em Hegel é trabalhada por Beauvoir no decorrer de *O Segundo Sexo* em *Experiência Vivida* (segundo Tomo) e *Fatos e Mitos* (primeiro Tomo). Para Beauvoir, a relação de opressão *senhor e escravo* se difere da relação de dominação *homem e mulher*, pois a mulher assimila e reconhece os valores que são estabelecidos pelos homens em certa medida como seus. São eles que abrem caminhos para o futuro e as conquistas, nos quais a mulher será participante *passiva*, como um *outro* em segundo plano. Isso é assim, porque a sociedade funciona principalmente com base em valores masculinos os quais são referências máximas para o comportamento e ação (na maioria das sociedades humanas, mas em especial nas sociedades ditas *de cultura Ocidental*).

Em verdade, as mulheres nunca opuseram valores femininos aos valores masculinos; foram os homens, desejosos de manter as prerrogativas masculinas, que inventaram essa divisão: pretenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência- tão somente para nele encerrar a mulher; mas é além de toda especificação sexual que o existente procura sua justificação no movimento de sua transcendência: a própria submissão da mulher é a prova disso. O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade. (BEAUVOIR, 1970, p. 85).

Por intermédio de uma abordagem existencial¹² é possível compreender como a situação biológica e a situação econômica fortaleceram a supremacia dos homens desde a era primitiva, afirma Beauvoir.

A mulher sempre esteve muito presa à espécie, como um sujeito subjugado aos interesses da manutenção do clã, um *Outro* apagado de sua própria existência individual e isso mesmo com os avanços tecnológicos que surgiram no decorrer da história. “Pela invenção da ferramenta, a manutenção da vida tornou-se para o homem atividade e projeto, ao passo que na maternidade a mulher continua amarrada a seu corpo, como o animal.” (BEAUVOIR, 1970, p.

11 (Direto do idioma original-Galego).

Disponível em: (<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3167489>>).

12 Para Tereza López Pardina a abordagem existencial do existencialismo de Beauvoir e de Sartre tem significados diferentes em suas obras. Mesmo próxima das concepções de Sartre no fundamento do existencialismo (“a existência precede a essência”), a filosofia de Beauvoir não se assimila a dele. Pardina considera em seu artigo *Simone de Beauvoir y Sartre: Consideraciones hermenéuticas en torno A el segundo sexo* que a filosofia existencialista de Beauvoir pode ser considerada como uma outra configuração do existencialismo do século XX. “Todo o mal entendido vem que para Sartre, a opressão e a má fé não estão separados como em Beauvoir, e isso porque, entende de diferente maneira a concepção de situação à opressão”. (PARDINA, Teresa López, p.4, 2009). *Tradução minha*.

85-86).

Evidências históricas sugerem que os homens desde a pré-história da espécie tiveram sempre muito mais facilidade do que as mulheres na imposição de suas vontades, garantindo transcendência, perpetuação de valores e afirmação de *visões* sobre o mundo: “Foi a atividade do macho que, criando valores, constituiu a existência, ela própria, como valor: venceu as forças confusas da vida, escravizou a Natureza e a Mulher” (BEAUVOIR, 1970, p. 86). Na busca de esclarecer melhor o conflito *homens x mulheres* e a *Reciprocidade* negada, Beauvoir pergunta: Cabe-nos ver agora como essa situação se perpetuou e evoluiu através dos séculos. Que lugar deu a humanidade a essa parte de si mesma que em seu seio se definiu como o Outro? Que direitos lhe reconheceram? Como a definiram os homens?” (BEAUVOIR, 1970, p. 86).

Nas sociedades primitivas o esgotamento da mulher na função de reprodutora é identificado por Beauvoir: um esgotamento que aparece em nível elevado. “Às fadigas de uma reprodução incessante e desregrada, acrescentavam-se as duras tarefas domésticas.” (BEAUVOIR, 1970, p. 86). No entanto, Beauvoir lembra que, segundo alguns historiadores, foi nesse estágio que a superioridade do homem se mostrou menos acentuada. “O que se deveria dizer é que essa superioridade é, então, imediatamente vivida e não ainda colocada e desejada; ninguém se aplica em compensar as desvantagens cruéis que prejudicam a mulher” (BEAUVOIR, 1970, p. 86). Podemos dizer que essa superioridade ainda não era efetiva e apenas mais tarde, com o regime paternalista (já na época da descoberta da agricultura), se fez notar.

A partir do momento em que os nômades se fixam no solo, desenvolvendo a agricultura e tornando-se sedentários, surgem também as instituições e o direito. Nesse processo o homem começa propriamente a efetivar a sua transcendência no mundo. Lembra Beauvoir que, em tal estágio, a diferença sexual se reflete na estrutura da coletividade e a mulher assume um papel de grande importância. “Esse prestígio explica-se essencialmente pela importância recente que assume a criança numa civilização que assenta no trabalho da terra.” (BEAUVOIR, 1970, p. 86-87). A maternidade simboliza a posteridade da civilização e a mulher é vista como *sagrada*, mas, mesmo assim, é encarada como um *Outro* inferior e vista por sua diferença sexual.

Para Beauvoir, o homem só consegue apreender o mundo sob o signo da dualidade. “Mas, naturalmente, sendo diferente do homem que se põem como o Mesmo, é na categoria do Outro que a mulher é incluída” (BEAUVOIR, 1970, p. 89). A mulher não é encarada como estando sozinha, pois sempre é vista como um *Outro* subjugado ao sujeito masculino. É pela

dualidade do eu e outro que ela assume o lugar do outro em sentido negativo: “[...] quando o papel da mulher se torna mais importante, absorve ela, em quase sua totalidade, a região do Outro.” (BEAUVOIR, 1970, p. 90).

Beauvoir cita várias Deusas em *O Segundo Sexo* (na segunda parte do primeiro volume sobre a *História*). A filósofa busca desenvolver uma reflexão sobre o papel simbólico da figura feminina na antiguidade. Através da ideia da fecundidade surgem as primeiras figuras de divindades femininas. Na cidade de Susa (oriente próximo/ sul do este do Irã, atualmente), por exemplo, encontrou-se a mais antiga imagem de uma Deusa feminina: a Grande Mãe/ Grande Deusa. A imagem representa a figura de uma mulher de túnica e cabeleira alta, coroada de torres. Nesse período da história, mesmo em uma sociedade patriarcal, as mulheres ocupavam uma situação muito elevada, tal como indica o culto à mencionada deusa (outros exemplos de divindades femininas são identificados em outras civilizações antigas¹³). Beauvoir recorda que figuras de *Níobe de Medéia* evocavam uma era em que as mães se orgulhavam em ter seus filhos, considerando-os como seus bens próprios. Partindo desses dados históricos, Engels pressupôs que houve uma época de destaque para as mulheres no passado:

[...] foi essa hipótese proposta por Baschoffen que Engels retomou: a passagem do matriarcado para o patriarcado parece-lhe "a grande derrota histórica do sexo feminino". Mas, em verdade, essa idade de ouro da mulher não passa de um mito. Dizer que a mulher era o Outro equivale a dizer que não existia entre os sexos uma relação de reciprocidade: Terra, Mãe, Deusa, não era ela para o homem um semelhante: era além do reino humano que seu domínio se afirmava: estava, portanto, fora desse reino. (BEUAVOIR, 1970, p. 91).

Mesmo com o culto a divindades que representavam mulheres ou figuras femininas, Beauvoir destaca que os valores personificados por essas divindades eram atribuídos pelos homens: “O prestígio de que goza aos olhos dos homens, é deles que o recebe; eles se ajoelham diante do Outro, adoram a Deusa-Mãe. Mas, por poderosa que seja, é através de noções criadas pela consciência masculina que ela é apreendida”. (BEAUVOIR, 1970, p.93).

13 Na ilha de Creta, antes da invasão grega, havia o culto à deusa Gaia e, segundo arqueólogos, as mulheres tinham diretos políticos semelhantes aos dos homens, realizavam esportes como a luta de boxe e eram respeitadas como importantes na sociedade. Isso mudou com a invasão grega após cataclismas naturais que ocorreram na ilha onde há um vulcão. Fontes: (HOOD, Sinclair, 1973, p.9-285) e (SOUZA, O. S, 1929 p.64).

3.1 A IMPOSIÇÃO DA VONTADE DO HOMEM SOBRE A MULHER, NA HISTÓRIA (Um relato da história da subjugação das mulheres em *O Segundo Sexo*)

A relação entre homens e mulheres revela uma tendência do comportamento humano, uma vontade de dominação e imposição de interesses *do eu sobre o outro*. Segundo Beauvoir “[...] toda consciência aspira a colocar-se como sujeito soberano. Toda consciência tenta realizar-se reduzindo a outra à escravidão” (BEAUVOIR, 1970, p.179). Tal é nítido na relação entre homens e mulheres, mais especificamente quando o enfoque é dado à forma como os homens tentaram e tentam controlar as mulheres e impor-lhes suas vontades.

A HISTÓRIA mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro. Esta condição servia os interesses dos homens, mas convinha também a suas pretensões ontológicas e morais. Desde que o sujeito busque afirmar-se, o Outro, que o limita e nega, é-lhe entretanto necessário: ele só se atinge através dessa realidade que ele não é. Por isso, a vida do homem nunca é plenitude e repouso, ela é carência e movimento, é luta. Diante de si, o homem encontra a Natureza; tem possibilidade de dominá-la e tenta apropriar-se dela. Mas ela não pode satisfazê-lo. Ou ela só se realiza como uma oposição puramente abstrata e é então obstáculo e permanece alheia, ou se dobra passivamente ao desejo do homem e deixa-se assimilar por ele; ele só a possui consumindo-a, isto é, destruindo-a. Nesses dois casos, ele continua só; está só quando toca uma pedra, só quando digere um fruto. Só há presença do outro se o outro é ele próprio presente a si; isso significa que a verdadeira alteridade é a de uma consciência separada da minha, idêntica a ela. É a existência dos outros homens que tira o homem de sua imanência e lhe permite realizar a verdade de seu ser, realizar-se como transcendência, como fuga para o objeto, como projeto. Mas essa liberdade alheia, que confirma minha liberdade, entra também em conflito com ela: é a tragédia da consciência infeliz; toda consciência aspira a colocar-se como sujeito soberano. Toda consciência tenta realizar-se reduzindo a outra à escravidão. (BEAUVOIR, 1970, p.179-180).

A relação do homem para com a mulher é diferente da relação do homem para com outro homem. Entre homens, mesmo que um dos sujeitos seja visto como socialmente ou economicamente inferior, por exemplo na relação do *senhor* e do *escravo* ou do burguês e um empregado assalariado, mesmo assim ainda há a possibilidade da superação da subjugação em uma virada dialética, na qual o dominador pode ser visto como inferior moralmente ou *inessencial*, ou, ainda, quando a relação de subjugação é superada por uma afirmação de igualdade idealizada, com o reconhecimento da liberdade alheia por parte do que detém a posição vista como mais vantajosa (o que é muito difícil acontecer, dado que quem possui uma vantagem dificilmente abrirá mão dessa condição).

No que diz respeito à forma como as mulheres são vistas pelos homens, há uma maior dificuldade na superação da situação de subjugação que é controlada pela parte masculina da

relação, a qual impõe sua vontade, muitas vezes com o uso da força física e sob aval de valores hegemônicos na cultura. A dominação do homem sobre a mulher é a expressão de uma tendência, uma atitude de afirmação da consciência do homem sobre um *outro*, a mulher, visto como negativo, dado que é *um outro* que, mesmo sendo parte da espécie, possui um corpo diferente que pode ser tomado como *objeto*, dominado tal como se domina a natureza. A mulher é vista, então, como intermediário entre a natureza e a espécie, como se fosse a parte mais *animal* da humanidade, mais instintiva, mais passional.

Seria possível ao homem encarar a mulher como um Outro em um sentido positivo, reconhecendo suas peculiaridades sem negá-las ou tentar moldá-las de forma forçada e impositiva? Beauvoir apontava que: “as mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse para si em face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens” (BEAUVOIR, 1970, p. 91). Para a filósofa, as mulheres foram mantidas fora do *mitsein* (*o ser com*) humano.

A mulher esteve sob o domínio do homem tanto em regime patrilinear ou matrilinear, a sua condição é afetada pela filiação. Mesmo após o casamento ela fica sujeita à autoridade do pai ou do irmão mais velho, e tal autoridade também se estenderá aos filhos ou mesmo à autoridade do marido. Ela está sempre sob tutela do homem, tornando-se apenas uma mediadora de direto. “A mulher não é nunca senão o símbolo de sua linhagem [...] é a mãe do pai ou do irmão da mulher, que se estende até a aldeia do irmão.” (LÉVI-STRAUSS apud BEAUVOIR, 1970. p. 92).

Beauvoir lembra que mesmo quando algumas mulheres conseguem atingir uma posição considerada elevada e de destaque na sociedade, isso não muda a situação da mulher nessa sociedade e nem mesmo como essas mulheres *em alta posição* serão encaradas. O exemplo da posição conquistada por Catarina da Rússia não gerou mudança na vida das camponesas russas¹⁴.

Aspectos da organização social e hierarquia nas sociedades humanas revelam a imposição masculina sobre as mulheres. O casamento, por exemplo, tem grande importância social. A mulher conserva os filhos garantindo a posteridade territorial através dos laços

14 No Reino Unido, Margaret Thatcher, como primeira-ministra conservadora, foi severa contra todos os trabalhadores, incluindo mulheres.

sanguíneos, mas a referência é sempre a figura masculina, o pai.

Por trás das oscilações do modo de filiação, diz Lévi-Strauss, a permanência da residência patrilocal atesta a relação fundamental de assimetria entre os sexos que caracteriza a sociedade humana. (LÉVI-STRAUSS apud BEAUVOIR, 1970, p. 92).

O homem assume a sua transcendência no mundo conduzindo a mulher sob os preceitos morais do casamento e da família, instituições que são fundamentais na organização social aos moldes de interesses masculinos. O homem sempre está em constante busca de se afirmar como sujeito de plena liberdade. Nesse processo, a existência do Outro é sempre uma ameaça, um perigo que o assola¹⁵.

Com relação às mulheres notamos, em aspectos das culturas humanas, como elas foram classificadas como ameaças aos homens. Lembra Beauvoir que em quase todas as religiões (na tradição monoteísta judaico-cristã-islâmica, isso aparece explicitamente, por exemplo) a mulher é apresentada com *hostilidade*; algo óbvio, já que são os próprios homens que criam os códigos básicos dessas doutrinas religiosas e que serão fundamentais na construção das moralidades hegemônicas nas sociedades patriarcais.

Nas religiões e mitologias, percebemos que a mulher aparece ligada à ideia do mal, sua dignidade enquanto sujeito é negada e o reinado do Homem é fortalecido com o patriarcado que se reveste de força simbólica, com o culto a divindades masculinas, o que na tradição judaico-cristã-islâmica, por exemplo, é algo nítido. Mas a opressão das mulheres por parte dos homens também revela temor: “Organizando a opressão da mulher, os legisladores têm medo dela” (BEAUVOIR, 1970, p. 101).

Há um monitoramento moral sobre o comportamento das mulheres. A possibilidade de ascensão das mulheres é uma experiência a qual os homens até então não querem presenciar e evitam de muitas formas. Mesmo gerando e cuidando da prole, a mulher sempre foi subjugada às volições do homem, submetida ao patriarcado. Por estar submetida às vontades alheias, a mulher cai em uma condição de *coisa* e tem prejudicada a possibilidade de sua transcendência como sujeito humano livre.

Com o surgimento da propriedade privada, a mulher perdeu o direito à herança. Tal consequência tornou a mulher ainda mais dependente do homem, pois ela tornou-se secundária

15 “A partir desse dia a relação com o Outro é um drama: a existência do Outro é uma ameaça, um perigo”. (BEAUVOIR, 1970, p. 100).

e intermediária (um meio) neste processo. Para Beauvoir, um fato importante sobre a história da herança diz respeito a alienação do proprietário em sua propriedade: “cultivar a propriedade paterna, render cultos aos *manas* do pai, é para o herdeiro, uma só e mesma obrigação.” (BEAUVOIR, 1970, p. 102). Em qualquer instância o homem não aceita partilhar com a mulher os seus bens. Com o advento do sistema patriarcal, o direito do homem é veementemente fortalecido: “[...] o patriarcado é poderoso, ele arranca da mulher todos os direitos a detenção e a transmissão dos bens.” (BEAUVOIR, 1970, p. 102-103).

A mulher não possui nada, ela não transmite riquezas, pois todas as suas riquezas são na verdade da família paterna e do marido. Para Beauvoir, no sistema patriarcal a mulher é excluída das decisões. Pelo casamento a mulher torna-se também propriedade do marido, e todos os filhos que gera pertencem a ele. No entanto, a autora recorda que o patriarcado não se estabeleceu de forma radical em toda parte: na Babilônia as leis de Hamúrabi reconheciam certos direitos à mulher, ela recebia uma parte da herança paterna; quando ela se casava, recebia um dote do pai. Entretanto, foi no Egito que a mulher parece ter sido (em comparação) um pouco mais favorecida.

As deusas-mães conservaram seu prestígio em se tornando esposas; a unidade religiosa e social é constituída pelo casal; a mulher surge como aliada e complementar do homem. Sua magia é tão pouco hostil que o próprio medo do incesto é vencido e que não hesita em confundir a irmã com a esposa. Ela tem os mesmos direitos que o homem, a mesma força jurídica; herda e possui bens. Essa sorte singular nada tem de casual: provém do fato de que no Egito antigo o solo pertencia ao rei e às castas superiores dos sacerdotes e dos guerreiros; para os particulares, a propriedade territorial consistia apenas no usufruto; o fundo permanecia inalienável, os bens transmitidos por herança tinham pouco valor e não se via nenhum inconveniente em partilhá-los. Em virtude da ausência do patrimônio privado, a mulher conservava a dignidade de uma pessoa. Casava-se livremente e, quando viúva, podia tornar a casar-se. O homem praticava a poligamia mas, embora todos os filhos fossem legítimos, ele só tinha uma esposa verdadeira, a única associada ao culto e a ele ligada legalmente; as outras não passavam de escravas privadas de quaisquer direitos. A esposa-chefe não mudava de estatuto ao casar-se novamente: continuava dona de seus bens e com a liberdade de contratar. (BEAUVOIR, 1970, p. 107).

Mesmo as mulheres apresentando certos privilégios no mundo antigo, não eram socialmente iguais aos homens; na esfera do governo, mesmo que pudessem em alguns momentos exercer o cargo de regentes, eram os homens que assumiam os postos mais importantes, desde o Faraó a sacerdotes e guerreiros: “[...] elas só interferiam na vida pública de modo secundário; e na vida privada exigiam delas uma fidelidade sem reciprocidade.” (BEAUVOIR, 1970, p. 108).

Em Roma, a história da mulher romana esteve em conflito entre a família e o Estado.

Após a morte de Tarquínio, o direito patriarcal se fortalece junto à propriedade privada e à família, sendo estes os constituintes da sociedade romana. Para Beauvoir, ao observarmos a mulher romana, percebemos que ela esteve mais integrada na sociedade do que a mulher grega, pois podia orientar a educação dos filhos, também chefiava os escravos e era co-proprietária dos bens do marido, mas mesmo assim ainda se submete à autoridade do homem.

A história do direito romano torna a mulher independente da família, mas ao mesmo tempo ela está submetida à tutela masculina, sendo sujeitada a certas restrições legais. Para Beauvoir, os fatos históricos revelam o apelo à alegação de inferioridade do sexo feminino mesmo quando a mulher se encontra aparentemente mais emancipada. Os termos usados para definir a mulher e adjetivá-la, como a sua suposta fragilidade ou falta de discernimento racional, são pretextos usados pelos homens para negar a igualdade ao sexo feminino: “[...] como não limitam mais seus direitos como filha, esposa, irmã, é como sexo que lhe recusam a igualdade com o homem...” (BEAUVOIR, 1970, p. 116).

Embora alguns avanços legais possam ser identificados na história do Império Romano, em benefício das mulheres, isso não durou muito. Com a decadência da cultura pagã romana e ascensão do cristianismo como religião oficial do Império, mudanças ocorrem no tratamento dos homens com relação às mulheres.

A evolução da condição feminina não prosseguiu de maneira contínua. Com as grandes invasões, toda a civilização foi posta em causa. O próprio direito romano sofreu a influência de uma ideologia nova: o cristianismo. E, nos séculos que se seguem, os bárbaros fazem que suas leis triunfem. A situação econômica, social e política é transtornada: e isto repercute na situação da mulher. (BEAUVOIR, 1970, p. 177-118).

Beauvoir busca compreender a alteridade da mulher na ideologia cristã e os efeitos causados no percurso histórico. Quando as mulheres se submetiam à igreja elas eram consideradas honradas no testemunho do culto, mas para isso deveriam estar acompanhadas de seus maridos. Elas eram *diaconisas*, cuidavam dos doentes e socorriam os indigentes, e suas tarefas eram laicas. Quando casadas, a ideologia cristã exigia sua total fidelidade recíproca na relação. A mulher como esposa foi totalmente subordinada ao marido. O adultério era inaceitável e a família monogâmica.

A fraqueza física da mulher não exprimia sua inferioridade moral. Para Beauvoir, havia a possibilidade de uma instituição superior à dos homens; existiam mulheres sacerdotisas e profetisas na antiguidade, mas, com a expansão do cristianismo, as mulheres chegavam no

máximo à condição de freiras dentro da igreja e sempre em grau hierárquico inferior ao dos homens¹⁶.

No final da alta Idade Média, a mulher não faz mais parte dos direitos privados, muito menos da elaboração da política. Quem o faz são os homens, e esse dado lhe conduz ainda mais ao nível de inferioridade. A mulher, também, não poderia pretender um domínio feudal, “uma vez que seria incapaz de defendê-lo.” (BEAUVOIR, 1970, p. 120-121). A situação muda quando aparece a hereditariedade sob influência de valores culturais germânicos. Viu-se que havia no direito germânico sobrevivências do direito materno, “[...] na ausência de herdeiros, a filha podia herdar.” (BEAUVOIR, 1970, p. 121).

A mulher, no feudalismo, no caso das famílias nobres abastadas, foi um instrumento para a transmissão de propriedade, e sua emancipação era totalmente absorvida pelo feudo: “Ela é, portanto, escrava da propriedade e do senhor dessa propriedade, através da “proteção” de um marido que lhe é imposto” (BEAUVOIR, 1970, p. 121).

Beauvoir lembra que desde o feudalismo até a primeira metade do século XX, a mulher casada foi sempre sacrificada à propriedade privada, os bens estiveram sempre sob domínio de seus maridos. No entanto, ainda sobre o feudalismo, Beauvoir notava uma situação positiva na forma como os homens pobres tratavam suas companheiras. O homem servo, quando casado, tratava sua esposa com companheirismo, e ela era por ele vista como uma alteridade positiva. Como nada tinham (tanto o homem quanto a mulher), para o homem não havia razão para tornar-se senhor da mulher que não possuía nada. Os dois construíam juntos a posse dos bens, e neste sentido podemos dizer que poderia haver também um nível de reciprocidade entre os dois: “uma miséria comum faz do laço conjugal um laço recíproco.” (BEAUVOIR, 1970, 125).

Nos laços matrimônios entre casais pobres, mesmo a servidão sendo abolida, a pobreza permanecia, o que trazia uma atmosfera de aparente igualdade entre os sexos. “A pobreza continua quando a servidão é abolida; é nas pequenas comunidades rurais e entre os artífices que se veem os esposos viver em pé de igualdade.” (BEUAVOIR, 1970, p. 125). O nível de igualdade entre os sexos é definido pela busca econômica colaborativa entre os sujeitos. No

16 Há, porém, uma *lenda* de que uma mulher teria sido papisa da Igreja Católica por *três anos* (papisa Joana) na Idade Média, mas não há comprovação sobre essa estranha história que provavelmente deriva de uma *sátira* crítica à Igreja. *Fonte*: SANTOS, Dominique, WACKERHAGE, Camila Michele. **Petre, Pater Patrum, Papisse Proditio Partum: tradução dos fragmentos da primeira documentação referente à 'papisa' Joana**. *Mirabilia: Revista Eletrônica da Antiguidade, Idade Média e Moderna* (Edição dedicada a: Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade das mulheres na Idade Média), ISSN-e 1676-5818, Nº. 17, 2013. p. 220-233. Disponível em: (< <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5180457>>).

caso do casal pobre, o homem sente a reciprocidade com a mulher, os dois estão na mesma condição e, para ambos, a união garante uma vida mais cômoda.

A mulher não é nem uma coisa nem uma serva: isso são luxos de ricos; o pobre sente a reciprocidade de um laço que o amarra à sua metade; no trabalho livre, a mulher conquista uma autonomia concreta porque encontra seu papel econômico e social. (BEAUVOIR, 1970, p. 125).

Toda a fábula que reinou na Idade Média, segundo a qual as mulheres eram apenas espancadas pelos seus maridos, é uma farsa segundo Beauvoir. Quando elas queriam expor a sua esperteza e força, seus maridos as tratavam em pé de igualdade. Enquanto isso, “a mulher rica paga sua ociosidade com a submissão” (BEAUVOIR, 1970, p. 125). A filósofa destacava que entre os ricos o patriarcado reinava firme e forte.

Já no renascimento italiano, prevaleceu o individualismo, possibilitando o desenvolvimento pessoal entre os sexos. Para Beauvoir, neste momento surgem algumas mulheres com grande poder na época. Algumas pegaram em armas, entre as quais Joana de Aragão, Joana de Nápoles, Isabel d’Este, Hipólita Fioramenti (Comandou Tropas do Duque de Milão). Outras mulheres que tiveram destaque, principalmente no meio cultural, pelos seus talentos; são elas: Isara Nogara, Verônica Cambara, Gaspara Stampara, Vitória Colona (foi amiga de Miguel Ângelo) e Lucrecia Tornabuoni (mãe de Lourenço e Júlio de Médicis, que escreveu hinos como “uma vida de São João Batista e da Virgem”). Outras mulheres eram consideradas cortesãs. Elas tinham uma liberdade de *espírito*, e ao mesmo tempo que exerciam suas profissões, possuíam um papel econômico, o que lhes garantia uma autonomia; a grande maioria foi tratada pelos homens com admiração. “Elas protegiam as artes, interessavam-se pela literatura, pela filosofia e não raro escreviam ou pintavam: Isabel de Luna, Catarina di San Celso, Impéria (era poetisa e musicista), reatam a tradição de Aspácia e de Frinéia” (BEAUVOIR, 1970, p. 133).

A mulher consegue lutar por sua emancipação: “[...] durante o Renascimento, as damas, nobres e mulheres de espírito suscitam um movimento em favor de seu sexo; as doutrinas platônicas importadas na Itália espiritualizam o amor e a mulher” (BEAUVOIR, 1970, p. 137-138).

Ao final da Idade Média, e com decadência do feudalismo, nos primórdios do capitalismo moderno, Beauvoir observa a condição da mulher na França identificando novamente a subjugação entre as mulheres pobres. A mulher cai sob a escravidão de esposa: “Ela tem todas as capacidades civis, mas trata-se de direitos abstratos e vazios; ela não possui

nem autonomia econômica, nem dignidade social” (BEAUVOIR, 1970, p. 129).

Quando ainda *solteironas*, viviam no seio da família paterna ou seguiam a vida nos conventos. “A negatividade continua sendo o destino das mulheres enquanto sua libertação permanece negativa” (BEAUVOIR, 1970, p. 129).

Em tais condições, vê-se como é raro que uma mulher tenha tido possibilidades de agir ou simplesmente de se manifestar: nas classes trabalhadoras, a opressão econômica anula a desigualdade dos sexos, mas aniquila todas as possibilidades do indivíduo. Entre os nobres e os burgueses a mulher é controlada como sexo, tem apenas uma existência parasitária; é pouco instruída; são necessárias circunstâncias excepcionais para que possa conceber e realizar algum projeto concreto. (BEAUVOIR, 1970, p. 129-130).

Através da cultura, algumas mulheres conseguiam atingir o *universo* masculino. A partir do século XVIII (o século “das luzes”), começou a surgir um aumento da emancipação das mulheres. Os costumes ainda continuavam severos, as jovens podiam receber uma educação básica, mas havia duas escolhas, ou se casavam ou seguiriam o resto da vida em conventos. Entretanto, é na classe burguesa que as mulheres se encontram em ascensão. “[...] a decomposição da nobreza, por sua vez, é contaminada por tais exemplos; nem os conventos nem o lar conjugal conseguem conter a mulher.” (BEAUVOIR, 1970, p. 139).

A filósofa afirma que, passando por todo o Antigo Regime, na transição do feudalismo para o capitalismo moderno, foi no campo cultural que as mulheres encontraram uma saída para tentarem se afirmar enquanto sujeitos, embora isso não fosse tarefa fácil diante do machismo ainda muito forte. “Nenhuma, entretanto atingiu as alturas de um Dante, de um Shakespeare, o que se explica pela mediocridade de sua condição.” (BEAUVOIR, 1970, p. 136).

Para as mulheres francesas, a situação era mais favorável com o desenvolvimento das ações práticas no mundo junto à vida intelectual. Mas a revolução burguesa não mudou o destino das mulheres, ela foi realizada “exclusivamente pelos homens” (BEAUVOIR, 1970, p. 141). O lema *igualdade, liberdade e fraternidade* não foi pensado para contemplar as mulheres e, quando se falava em direitos, isso era voltado em especial para os homens, o que se traduzia na expressão *Direitos Universais dos homens*¹⁷.

Na França pós Revolução – após o período de crise do regime imposto pela revolução, que descambou para uma ditadura sanguinária –, o Código de Napoleão fixou o destino das

¹⁷ É claro que a expressão “os homens” se refere também à “humanidade”, mas é explícito que nesse discurso Liberal Clássico as mulheres eram secundárias.

mulheres francesas por um século, dificultando a autonomia das mulheres enquanto sujeitos. Para Napoleão, a mulher deveria estar restrita à esfera da maternidade.

Porém, herdeiro de uma revolução burguesa, deseja demolir a estrutura da sociedade e dar à mãe a preeminência da esposa: proíbe a investigação da paternidade; define com dureza a condição da mãe solteira e a do filho natural. Entretanto, a própria mulher casada não encontra refúgio em sua dignidade de mãe... (BEAUVOIR, 1970, p. 143).

A mulher deve total obediência ao seu marido, se por ventura cometer adultério, o marido pode condená-la a reclusão e conseguir o divórcio. Se encontrar a mulher em flagrante no ato do adultério, o marido pode matá-la em nome da lei. Para o homem, seu ato só é vergonhoso se ele levar uma concubina para o lar, sujeito a uma multa, e apenas nesse âmbito a mulher francesa poderia recorrer ao divórcio.

Beauvoir relata detalhadamente em *O Segundo Sexo* o peso que a mulher carrega em relação ao casamento e à maternidade. Ela defende que a liberdade da mulher começa quando ela tem escolhas sobre seu próprio corpo: “[...] livre em grande parte das servidões da reprodução, pode desempenhar o papel econômico que se lhe propõe e lhe assegurará a conquista total de sua pessoa.” (BEAUVOIR, 1970, p. 157).

O desenvolvimento de um movimento reformista no século XIX abriu espaço ao feminismo, principalmente na busca de justiça e igualdade. *A revolução industrial*, que começa um século antes, mas se consolida no século XIX, abre caminho para a mulher, pois com a necessidade da mão de obra e do desenvolvimento mais intenso da indústria, é preciso ceder à mulher algum relativo grau de emancipação econômica: “A mulher reconquista uma importância econômica que perdera desde as épocas pré-históricas porque escapa do lar e tem, com a fábrica, nova participação na produção.” (BEAUVOIR, 1970, p. 148).

No processo de acesso ao mundo do mercado e autonomia econômica, as mulheres foram rigorosamente exploradas, seus salários não eram dignos o suficiente para garantirem o atendimento a suas necessidades: “[...] é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de humano, mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta.” (BEAUVOIR, 1970, p. 149).

No século XIX, a mulher começa a libertar-se de sua servidão, principalmente a da maternidade. Ela entra em um processo de emancipação econômica, que lhe garante certa dignidade enquanto sujeito feminino. *A mulher* enquanto *Outro* parece sair um pouco da esfera de inferioridade para se tornar uma *alteridade* positiva e, neste processo, uma possível reciprocidade com o sujeito soberano (o *homem*) é esboçada, porém de forma ainda muito

limitada. Por outro lado, é nessa época que a exploração da mão de obra assalariada ganha maior peso, e no meio dessa mão de obra estavam as mulheres.

É importante destacar que no século XIX surgem os movimentos socialistas (anarquismo e marxismo), os quais irão se opor à exploração severa da mão de obra proletária por parte da classe burguesa, em uma época na qual direitos trabalhistas eram raros e a exploração muito pesada. Mulheres grávidas, por exemplo, trabalhavam nas fábricas e não podiam se ausentar durante a gravidez, ou correriam o risco de perder o emprego; até mesmo crianças trabalhavam em fábricas insalubres. Não havia salário mínimo, férias, ou décimo terceiro, e as mulheres recebiam salário mais baixo do que o salário dos homens.

O movimento socialista vai fortalecer a organização de trabalhadores em sindicatos e, dentro da luta dos trabalhadores, as reivindicações das mulheres ganharam destaque. Surge um feminismo politicamente mais engajado e com cores socialistas. O socialismo começa na Europa, mas, apesar disso, as mulheres europeias continuaram por muito tempo sofrendo com o machismo e a opressão, mesmo entre companheiros de movimento.

Para Beauvoir, as mulheres norte-americanas estiveram em maior grau de emancipação do que as europeias em certo momento. No começo do século XIX, muitas mulheres foram obrigadas a executar trabalhos que os homens também realizavam. “Eram muito menos numerosas do que eles e em consequência valorizaram-se muitíssimo. Mas, pouco a pouco, sua condição aproximou-se das mulheres do Velho Mundo” (BEAUVOIR, 1970, p.162). Afirma a filósofa que, neste período, as mulheres conservavam certos privilégios culturais, dentre os quais, uma posição dominante na família. As leis eram benevolentes na esfera religiosa e moral, mas, mesmo assim, eram os homens que conduziam a sociedade.

Foi em meio à busca de direitos políticos, por volta de 1830, que algumas norte-americanas começaram a impulsionar um movimento feminista. Em 1840, Lucretia Mott fundou uma associação feminista; após uma reunião realizada no mesmo ano, surge um manifesto importante para todo o feminismo norte-americano, o qual Beauvoir cita em *O Segundo Sexo*:

O homem e a mulher foram criados iguais e providos pelo Criador de direitos inalienáveis... O governo é feito tão somente para salvaguardar esses direitos... O homem faz da mulher casada uma morta cívica. . . Usurpa as prerrogativas de Jeová que é o único a designar aos homens sua esfera de ação." Três anos depois, Mme Beecher-Stowe escreve *A Cabana, do Pai Tomás* que subleva a opinião pública a favor dos negros. Emerson e Lincoln apoiam o movimento feminista. (BEAUVOIR, 1970, p. 162).

Para Beauvoir, os antifeministas deste período (século XIX) buscaram justificações para impedir a emancipação das mulheres, e todo o esforço impedia a ascensão feminina. Recursos ideológicos foram empregados pelos antifeministas, que apelavam para uma pretensa justificativa histórica e afirmavam: “1º) as mulheres jamais criaram algo de grande; 2º) a situação da mulher jamais impediu o aparecimento de grandes possibilidades femininas.” (BEAUVOIR, 1970, p. 172).

A busca de emancipação plena é sempre uma busca constante para as mulheres. O sujeito feminino enquanto o *Outro*, não é encarado como uma alteridade positiva; aos olhos dos homens, a mulher não passa de uma serviçal que mendiga pela sua própria vida ao lado de seu marido. O patriarcado é fortemente opressor e sua força se perpetua ao longo da história humana.

Eis por que reclamam elas hoje, em grande número, novo estatuto; e, mais uma vez, sua reivindicação não consiste em serem exaltadas em sua feminilidade: elas querem que em si próprias, como no resto da humanidade, a transcendência supere a imanência; elas querem que lhes sejam concedidos, enfim, os direitos abstratos e as possibilidades concretas, sem a conjugação dos quais a liberdade não passa de mistificação. (BEAUVOIR, 1970, p. 172).

Para Beauvoir, o espaço de emancipação da mulher poderia ser conquistado por meio de mudanças morais e da desconstrução da rede de significados impostos culturalmente pela vontade masculina. Os costumes que a moral impõe à mulher, conduzem drasticamente toda a sua vida, desde a ideia do casamento perfeito (criado pelo mito da Cinderela, que Beauvoir cita para lembrar o sonho do casamento, que as meninas carregam desde a infância). Em tal visão, o único destino da mulher seria o casamento, para formar com o homem uma família, no conforto de uma vida conjugal, segura economicamente ao lado do marido rico. Eis aí uma invenção para moldar o comportamento do sexo feminino, lembra Beauvoir, impedindo sua autonomia.

A mulher ao longo da história conseguiu pouco progresso em sua emancipação. Mesmo os movimentos feministas citados por Beauvoir não atingiram total emancipação. A mulher como alteridade sempre esteve em conflito com o sujeito masculino, sempre submetida pela hierarquia de poder. As mulheres sempre estiveram em uma esfera desigual. Mulheres da classe burguesa, como lembra Beauvoir, não estiveram em uma esfera tão perversa, tinham privilégios, mas, mesmo assim, foram submetidas e reprimidas.

A filósofa afirma que: “o privilégio econômico detido pelos homens, seu valor social, o prestígio do casamento, a utilidade de um apoio masculino, tudo impele as mulheres a desejarem agradar aos homens.” (BEAUVOIR, 1970, p. 177). A mulher acredita estar amarrada ao homem, afinal é ele que consegue a autonomia econômica para lhe garantir o sustento. O sistema patriarcal não abre espaço pleno na força de trabalho à mulher (mesmo trabalhando, seus salários eram baixos, mal dava para o sustento básico, como afirma a filósofa), impossibilitando sua função como trabalhadora em grau de igualdade, pois ainda são os homens que possuem os cargos mais importantes e os salários mais altos.

A mulher em busca de sua condição concreta ainda está presa ao laço que a une ao homem. A mulher não é criada para viver só, ela é criada para casar e gerar filhos; esses são os preceitos religiosos e morais que lhe conduzem a vida, e é só no casamento que ela encontra a vida digna que deve seguir. “Disso decorre que a mulher se conhece e se escolhe, não tal como existe para si, mas tal como o homem a define” (BEAUVOIR, 1970, p. 177). A alteridade da mulher está sempre em segundo plano, ela é a esposa do marido, a mãe do filho, é filha dos pais, ela é sempre o *Outro* em sentido negativo para um *Outro soberano*. Um *outro para outro*, nunca um *eu para si*, ela não é um sujeito igual ao homem.

Identificar na história humana a subjugação das mulheres não é uma tarefa muito difícil, visto que isso aparece em todos os cantos por onde a espécie humana passou e ainda vive. Todo o conflito começa na dualidade entre o *Eu* e *Outro*, lembrando que o outro em igualdade é sempre o do sexo masculino, o homem diante do homem. A questão é entender por qual motivo a mulher sempre está na categoria de *Outro negativo*, e em toda a história notamos isso. Foram rápidos os momentos nos quais a mulher conseguiu emancipar-se relativamente, e nestes momentos foram apenas algumas mulheres privilegiadas e não todas as mulheres que conseguiram isso.

4. UMA ÉTICA EXISTENCIALISTA (Afirmando a ambiguidade na Existência)

Apesar de tantas mentiras teimosas, a cada instante, em toda ocasião, a verdade vem à luz: a verdade da vida e da morte, de minha solidão e de minha ligação com o mundo, de minha liberdade e de minha servidão, da insignificância e da soberana importância de cada homem e de todos os homens. (BEAUVOIR, 2005. p.15).

Simone de Beauvoir se posicionava como uma pensadora existencialista e foi seguindo princípios da Filosofia Existencialista que se preocupou em pensar uma Ética alicerçada na vida, com raízes na *factualidade*, levando em consideração a condição humana no mundo e destacando as peculiaridades da realidade enfrentada pelas mulheres. Em uma perspectiva que parte de uma base fenomenológica, o Existencialismo afirma que o ser humano está lançado no mundo e é no mundo. É em contato com as coisas ao seu redor e com outras consciências, submetido a um contexto histórico, social, cultural econômico que o humano irá construir a si mesmo, sua identidade, pois não há uma essência dada a priori, já que a “existência precede a essência”.

O sujeito é um ser em busca de si, construindo a si, em interação com o mundo, um “ser para si”¹⁸ diante de um mundo de coisas (mundo dos *em si*), um mundo para o qual a consciência humana atribui significados, estando na condição de sua própria liberdade (condenada à liberdade). Isso ocorre por não ter o que a fundamente como essência ou referência imutável, ou mesmo um objetivo teleológico determinado de fora, pois, se fins surgem, esses são os fins assumidos e escolhidos pela própria consciência humana. No entanto, o humano vive em uma situação ambígua, pois seu corpo é também um *em si* para o qual precisa atribuir significados.

[...] na medida em que também é em-si, também é natureza, o que não torna o discurso paradoxal, mas, ambíguo, pois o homem tem consciência de sua ambiguidade, “o homem a conhece, ele a pensa [...], ele se evade de sua condição natural sem dela libertar-se.”(BEAUVOIR, 2005b, p. 13), seu ser em-si não contradiz seu ser para-si, também não o afirma: simplesmente coexistem, e um não implica a falsidade do outro. (DIAS, 2015, p. 69).

A consciência, ao olhar para si, observa algo sob as influências do mundo onde vive.

18 “Sartre (1998) distingue duas regiões de Ser: o em-si e o para-si, pontos que vemos também em Beauvoir. O em-si é o dado, o externo, sobre ele só se pode dizer que é. Por outro lado, o para-si se refere à consciência, ao nada. Quando se faz tal afirmação, relacionando consciência e nada, diz-se que aquela não possui em sua estrutura originária quaisquer objetos; de fato, precisa os posicionar para que eles existam na consciência. Beauvoir alerta para que não se confunda o homem com natureza, pois enquanto esta é, ou seja, encontra-se dada, o homem, por outro lado, está para ser: seu ser, na verdade, é falta de ser (manque d’être). (...) O homem, no entanto, possui uma região de Ser que a natureza não tem: o para-si. Ao mesmo tempo em que é exterioridade, ele também o é interioridade: ambos os aspectos não são paradoxais, são ambíguos.” (DIAS, 2015, p. 68)

Tanto o olhar quanto o que se vê estão já enquadrados nas condições do mundo onde a consciência está, mas a consciência parte sempre de um reconhecimento sobre si mesma, e nisso está pressuposta a intencionalidade.

A partir da concepção de intencionalidade, se vê reestabelecida a relação entre consciência e mundo. Pode-se dizer então que a consciência é posicional na medida em que se transcende em direção ao objeto e que toda intenção da consciência é dirigida para fora: toda consciência é consciência de alguma coisa. Contudo, para ser consciência de certo objeto exterior, a consciência deve, ao mesmo tempo, ser consciência de si mesma como sendo consciência desse objeto. Esse é o pressuposto necessário para que se possa afirmar a existência de determinado objeto para mim. (HOSTE, 2015, p.104-119).

O Existencialismo, para Beauvoir, define-se como uma *filosofia da ambiguidade*¹⁹. Para a filósofa, o conceito de ambiguidade é o que dá sentido e identidade a um projeto de *moral existencialista*: uma moral²⁰ laica e que reconhece a ambiguidade como inerente à situação humana.

Ao contrário de filósofos anteriores da tradição, os quais tentaram negar “as ambiguidades”²¹ (seja através da negação do sujeito, ou da negação do mundo externo ao sujeito) da vida humana em meio a um mundo *absurdo*, Beauvoir assume a ambiguidade como inerente à existência humana e, portanto, uma Ética adequada deveria levar esse dado em consideração²².

O destaque para aquilo que na existência humana é *ambíguo* e paradoxal, não foi uma

19 Muitas dessas “ambiguidades” são insolúveis e como tais deveriam ser encaradas.

20 O termo *Moral* aqui é tomado como sinônimo de *Ética*, respeitando as traduções para o português de “Por uma Moral da Ambiguidade” (em francês: *Pour une morale de l’ambiguïté*).

21 “Esforçaram-se para reduzir o espírito à matéria, ou para assimilar a matéria ao espírito, ou para confundi-los no seio de uma substância única; aqueles que aceitaram o dualismo estabeleceram entre o corpo e a alma uma hierarquia que permitia considerar como desprezível a parte de si mesmo que não se podia salvar. Eles negaram a morte, seja integrando-a à vida, seja prometendo ao homem a imortalidade; ou ainda negaram a vida, considerando-a como um véu de ilusão sob o qual se oculta a verdade do Nirvana. E a moral que propunham a seus discípulos perseguia sempre a mesma meta: tratava-se de suprimir a ambigüidade fazendo-se pura interioridade ou pura exterioridade, evadindo-se do mundo sensível ou abismando-se nele, alcançando a eternidade ou encerrando-se no instante puro.” (BEAUVOIR, 2005, p.14).

22 “Beauvoir rebate, portanto, a crítica acerca do existencialismo como a filosofia do absurdo e do desespero: o ser humano não estaria fadado a uma existência fracassada e destituída de sentido, pois, em verdade, o significado da existência humana, caso se queira viver autenticamente, não poderia ser buscado no Absoluto, mas no próprio humano. É a condição ambígua do ser humano que nos leva a essa conclusão: não sendo uma plenitude, precisa buscar significar a vida e o mundo ao redor a partir de si mesmo e não mais de um ser pleno que lhe signifique o ser. Beauvoir considera que uma vida autêntica passa pela aceitação da ambiguidade e instituição de significações humanas no lugar das significações divinas.” (ZANOTELLO, 2020, p. 4-5).

inovação do Existencialismo Francês do século XX, dado que o dinamarquês Kierkegaard,²³ em seu “*O Desespero Humano*”, abordava as contradições da vida humana, tomando o humano como um ser que por possuir capacidade racional e imaginação sentia-se como sendo dotado de potencialidades infinitas (o poder da imaginação humana e da razão para construir teorias); mas, ao mesmo tempo, reconhecia-se finito por ser mortal e imperfeito, preso a um corpo orgânico. Kierkegaard tentou resolver o problema recorrendo à divindade, já Beauvoir assumiu a ambiguidade da existência como uma condição que deveria ser reconhecida para, a partir daí, construírem-se caminhos possíveis.

A consciência humana não se confunde com o mundo, mas, ao mesmo tempo, está nele mergulhada e se põe no mundo como *sujeito soberano para si*, mas objeto²⁴ para outros sujeitos humanos.

Em meio ao mundo, o humano encara sua própria situação, estabelece um projeto para si e se depara com a possibilidade de sua própria aniquilação na morte²⁵.

A vida como experiência é fundamentalmente ambígua, vivemos para nos preparar para a morte, somos animais e racionais, uma animalidade imbuída de pensamento reflexivo, portanto, que nos permite abandonar nossa condição natural sem, contudo, nos libertar dela; o mundo do qual temos consciência é o mesmo do qual fazemos parte, mas é aquele também que pode esmagar nossa individualidade que, como tal, encontra-se fora dele. Ser paradoxal é um privilégio do qual apenas o ser humano pode usufruir [...]. (JOHANSON, I, 2018. p. 242).

O humano, diferente de outros animais e plantas (que padecem da morte e não percebem), tem consciência da vida e percebe ser mortal, mas, ao mesmo tempo, sabe ser dotado da capacidade de imaginar e dar sentido às coisas dentro de uma infinidade de combinações possíveis, portanto, ao mesmo tempo em que se encara como ser finito, está conectado ao infinito das possibilidades de significados no mundo dos fenômenos onde está

23 “O existencialismo se definiu primeiramente como uma filosofia da ambigüidade; foi afirmando o caráter irreduzível da ambigüidade que Kierkegaard se opôs a Hegel; e em nossos dias, é pela ambigüidade que, em *O Ser e o Nada*, Sartre define fundamentalmente o homem, este ser cujo ser reside em não ser, esta subjetividade que não se realiza senão como presença no mundo, esta liberdade engajada, este surgimento do para-si que é imediatamente dado para outrem.” (BEAUVOIR, 2005, p.15.).

24 Assim como os outros são objetos para minha consciência, no que parece ser um processo de “coisificação” mútua.

25 Sartre dizia que “O homem é uma paixão inútil”, um ser que sabe que irá morrer e que nunca consegue solucionar o problema que é *para si mesmo*, pois nunca alcança a si mesmo ou um conhecimento de si em plenitude. Todos os projetos humanos, por mais grandiosos que sejam, acabam diante do inevitável findar da vida.

inserido como animal consciente. Eis o paradoxo do ente que se sente vivo e se percebe morrendo, perdido em um instante fugidio de uma vida no presente, ruminando memórias e almejando futuros possíveis, diante sempre da possibilidade do fim (a morte).

A contínua obra de nossa vida é construir a morte, diz Montaigne. [...] Essa trágica ambivalência pela qual o animal e a planta apenas passam, o homem a conhece, ele a pensa. Assim se introduz um novo paradoxo em seu destino. “Animal razoável”, “Caniço pensante”, ele se evade de sua condição natural sem, no entanto, dela libertar-se; deste mundo de que é consciência, ele ainda faz parte; afirma-se como pura interioridade, contra a qual nenhuma potência externa poderia ter domínio, e experimenta-se também como uma coisa esmagada pelo peso obscuro das outras coisas. A cada instante ele pode apreender a verdade intemporal de sua existência; mas entre o passado que não é mais e o futuro que ainda não é, esse instante em que ele não existe não é nada. Este privilégio que ele detém sozinho: ser sujeito soberano e único no meio de um universo de objetos, eis que ele o compartilha com todos os seus semelhantes; a seu turno objeto para os outros, ele nada mais é, na coletividade de que depende, que um indivíduo. (BEAUVOIR, 2005, p.13-14).

Uma das características da condição humana no mundo é a liberdade²⁶. O humano está “condenado a ser livre” (SARTRE, 1997, p.678), no entanto, tal não significa que efetivamente no mundo a liberdade será realizada plenamente, materialmente, mas sim que, como vontade no indivíduo, a liberdade é fundamental e está assentada sobre a indeterminação essencial do que é o humano, dado que é no mundo, na existência, que a consciência irá moldar a si.

[...] o ser humano é verdadeiramente livre enquanto ser que quer e que deseja: se é como quer viver. O que não significa, diga-se já, que as coisas serão sempre e tal como o indivíduo desejante quer e deseja. [...] é justamente essa distância existente entre o ser desejado e o ser efetivamente e, antes disso, o reconhecimento da impossibilidade de sobreposição ou coincidência entre esses dois termos, que produz os valores em direção aos quais deverá voltar-se a existência. (JOHANSON, I, 2018. p.242-243).

A carência impulsiona a ação²⁷, ou seja, é por não ser completo em si que o humano irá desenvolver projetos de como deseja viver no mundo, fazer escolhas e rumar a um objetivo escolhido. Mesmo a submissão a interesses alheios, impostos por outros, nesta perspectiva, é uma escolha. O indivíduo (o humano em meio a uma coletividade) precisa assumir sua condição

26 “Ao afirmar que a fonte de todos os valores reside na liberdade do homem, o existencialismo não faz senão retomar a tradição de Kant, Fichte, Hegel, a qual, segundo as palavras do próprio Hegel, ‘tomamos por ponto de partida o princípio segundo o qual a essência do direito e do dever e a essência do sujeito pensante e desejante são absolutamente idênticos’”. (BEAUVOIR, 2013. p. 23).

27 “A consciência moral só pode subsistir, como nos diz Hegel na última parte da *Fenomenologia do Espírito*, na medida em que houver desacordo entre a natureza e moralidade; ela desapareceria se a lei moral se tornasse a lei da natureza. [...] só poderia haver dever-ser para um ser que, segundo a definição existencialista, se pusesse em questão em seu ser, um ser que está a distância de si mesmo e que tem que ser seu ser.” (BEAUVOIR, 2005.p16).

no mundo, afirmar sua existência, para então se aproximar da realização do que almeja ou do sentido que pretende para sua própria existência.

[...] um dos pressupostos da filosofia beauvoiriana é recusar qualquer natureza preestabelecida e fazer com que o indivíduo assuma unicamente a sua própria existência no mundo, sem qualquer tentativa de mascarar sua condição, para, assim, tal indivíduo superar a si mesmo a todo instante. (MOTTA, 2018, p.43).

A liberdade não é algo espontâneo, mas precisa ser assumida pelo sujeito que no mundo expressará sua vontade afirmando projetos de vida, escolhendo para si valores e traçando caminhos: “[...] a liberdade só se realiza engajando-se no mundo de tal maneira que seu projeto rumo à liberdade se encarna para o homem em condutas definidas” (BEAUVOIR, 2005, p 68).

O Existencialismo é uma filosofia da responsabilidade. Para o Existencialismo, não há desculpas para o humano em suas escolhas, pois é livre para escolher e estabelecer valores para si mesmo. Isso não depende de nada externo a ele, dado que não há divindade que o diga o que fazer, não há apelo ao divino, portanto sempre é responsável pelo que faz e suas escolhas são como um *assumir o que deve ser o humano*. O que o sujeito faz é uma afirmação do que escolheu para a própria humanidade²⁸, já que em sua condição de consciência livre sabe em seu íntimo que só ela mesma pode avaliar se o que faz tem valor ou sentido e quando escolhe é como se escolhesse em nome da humanidade. Nisso, entra a perspectiva moral, a qual exige imaginar o que seria se todos agissem da mesma forma – o que lembra a *universalização da ação*, da argumentação da ética kantiana para o “*imperativo categórico*”, apresentada em “*Fundamentação da Metafísica dos Costumes*”.

Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. Portanto, a nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. (SARTRE, 1987, p.12)

28 “Desse modo, o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens.” (SARTRE, 1987, p.11).

A consciência está de certa forma voltada sobre si mesma, o mundo é o seu mundo, mas, ao mesmo tempo, está inserida em uma coletividade que a pressiona de fora: eis aí novamente a ambiguidade. Mesmo nessa suposta interação com o mundo a consciência sempre traduz o que percebe em sua subjetividade, tomando decisões livres em seu processo de auto-construção e desvelamento do ser.

Como dizia Sartre, mesmo se houvesse realmente uma divindade, nada além da minha própria consciência daria critério para identificar ou reconhecer qualquer coisa como *uma divindade*, visto que sobre o que é exterior a mim não tenho nunca uma certeza, sempre tudo que percebo passa pelo crivo de meu próprio olhar e percepção.

Mesmo quando a consciência nega a própria liberdade está sendo livre, seguindo o que no Existencialismo é denominado de conduta de *má-fé*. Quando o sujeito se submete a vontades alheias, quando se resigna e finge para si mesmo que *a subjugação aos interesses do outro é o que deve fazer*, está agindo com má-fé. Isso ainda é sua liberdade, porém, uma liberdade em grau baixo, pois não está sendo autêntico nesse agir. Na má-fé, a consciência deixa o que lhe é externo conduzi-la. Mas veremos que, com relação à condição da mulher, há *poréns* nessa visão existencialista. No caso das mulheres, a opressão é clara, restringindo a liberdade.

É importante destacar que, apesar de se assumir como existencialista e partir de pressupostos de tal *Filosofia*, Beauvoir afirmou uma posição feminista, na qual procurou dar destaque ao problema da subjugação da mulher, sublinhando que a condição da mulher não era semelhante à dos homens, dado que às mulheres é negado, pela cultura e estrutura social das sociedades (erigidas com base nos interesses dos homens, sob o peso do patriarcado), possibilidade e meios de construir autonomamente seus projetos de vida. *O tornar-se mulher* jaz sob o peso da modelagem de valores impostos pelos homens.

Não há valores dados a priori, não há sentidos postos como atemporais, não há uma divindade ditando regras ou determinando o destino das pessoas, portanto a liberdade humana está na possibilidade de construir sentidos para a própria existência sob a *folha em branco* da vida. Isso significa que, no que diz respeito a situação das mulheres, há uma imposição de valores escolhidos e forjados pelos homens segundo seus próprios desejos e que não encontrariam respaldo algum em nenhuma suposta *ordem natural das coisas*, pois esta, para o Existencialismo, não há. Dessa forma, a conclusão a que se chega é que a humanidade, como coletividade, escolheu sabotar parte de si mesma: “O mundo moral é, enfim, o mundo desejado pelo ser humano, é o mundo que a vontade humana constrói” (JOHANSON, 2018.p.244).

Negar que exista uma essência anterior à existência do sujeito ou um Deus,²⁹ ditando regras, não é assumir o *vale tudo*, pelo contrário: segundo Beauvoir, encarar a vida sem a proteção de uma ilusória força externa é assumir sentidos para si mesmo, e aí estaríamos propriamente no âmbito da Ética.

[...] porque o homem está desamparado sobre a Terra que seus atos são engajamentos definitivos, absolutos; ele carrega a responsabilidade de um mundo que não é a obra de uma potência estrangeira, mas dele mesmo, e no qual se inscrevem tanto suas derrotas como suas vitórias. Um Deus pode perdoar, apagar, compensar; mas se Deus não existe, as faltas do homem são inexpiáveis. Se se pretende que de toda maneira o desafio terrestre não tem importância, é porque invocamos precisamente essa objetividade inumana que começamos por recusar. (BEAUVOIR, 2005, p.20).

A falta de *fundamentos* atemporais e eternos ao contrário de impor o *vale tudo* é uma condição de liberdade para a criação de valores, e traz a oportunidade de um compromisso. A liberdade carrega responsabilidade e essa responsabilidade está vinculada à escolha do que se deseja para a humanidade, a qual pertencemos, o que, como consequência, traz a angústia da responsabilidade.

O existencialista declara frequentemente que o homem é angústia. Tal afirmação significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 1987, p.13)

A liberdade não se restringe à liberdade individual, mas deve estar comprometida com a liberdade dos outros e aí nós temos uma crítica ao discurso *Liberal Individualista* e uma aproximação com o ideal do *Socialismo libertário*³⁰ (o que Beauvoir não menciona em sua obra, mas é inevitável a comparação).

29 “O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo. Assim, não existe natureza humana, já que não existe um Deus para concebê-la. O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se concebe após a existência, como ele se quer após esse impulso para a existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo.” (SARTRE, 1987 p.10).

30 “Apenas a liberdade dos outros me torna verdadeiramente livre, de forma que, quanto mais numerosos forem os homens livres que me cercam, e mais extensa e ampla for a sua liberdade, maior e mais profunda se tornará a

O Existencialismo, apesar de pressupor a singularidade da consciência do sujeito, vai buscar a conexão da consciência única e irrepetível para com a universalidade da coletividade humana, superando o solipsismo, e, nessa linha de raciocínio, a Ética é arquitetada com base na interação entre humanos³¹, sempre frisando a pluralidade das consciências em interação no mundo humano. Esse é o mundo social e cultural, portanto: apesar de afirmar a *não existência de verdades eternas e imutáveis ou de uma essência humana*, para o Existencialismo a questão moral não se trata de um *tudo pode*, mas sim da necessidade de uma busca de fundamentos sólidos e consistentes para uma proposta Ética que deve se realizar na existência factual humana.

Apesar de reconhecer um conflito interno na humanidade, há algo explícito na forma como as mulheres são tratadas nas sociedades humanas, e mesmo rejeitando a ideia de uma *essência natural, ordem natural, valores atemporais*, o Existencialismo não é uma Filosofia Niilista. Ele preconiza uma Ética pautada pelo ideal de igualdade, combinado à liberdade, valorizando a interação humana.

[...] para o existencialismo, não é o homem impessoal, universal, que é a fonte de valores: é a pluralidade dos homens concretos, singulares, projetando-se para seus fins próprios a partir de situações cuja particularidade é tão radical, tão irredutível, quanto a própria subjetividade. (BEAUVOIR, 2005. p.21).

Para a elaboração de uma Ética, mesmo baseada no reconhecimento da ambiguidade inerente à vida humana, faz-se necessário superar o *absurdo* e afirmar um posicionamento no mundo, tal como a própria Beauvoir fez com seus ensaios filosóficos. É preciso não esquecer que o problema moral é um problema humano, de seres indefinidos, cuja essência é construída em vida durante suas existências em um mundo dado, em um determinado contexto histórico e cultural.

Humanos não são deuses, nem máquinas e nem meros animais, são seres em construção ou, em outras palavras, entes que podem construir a si mesmos em interação com outros semelhantes, em meio a uma coletividade. O humano precisa aprender a lidar com seus

minha liberdade”. (BAKUNIN, M. “Conceito de Liberdade”. p. 22.), Disponível em: (<em:<https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bakunin-m-o-conceito-de-liberdade.pdf>>).

31 “[...] só se pode revelar o mundo sobre um fundo de mundo revelado pelos outros homens; nenhum projeto se define a não ser por sua interferência com outros projetos; fazer “com que haja” ser é comunicar-se através do ser com outrem.” (BEAUVOIR, 2005. p.62).

fracassos, pois a vida é um embate constante contra adversidades e oposições, o fracasso³² faz parte da existência humana no mundo. Existir é deparar-se com o fracasso e fracassar diante da possibilidade final que é a morte, tal como Sísifo,³³ carregando a pedra para o alto da montanha, dias e noites.

[...] o fracasso não é superado, mas assumido; a existência se afirma como um absoluto que deve buscar em si sua justificação e não se suprimir, ainda que se conservando. Para atingir sua verdade o homem não deve tentar dissipar a ambiguidade de seu ser, mas, ao contrário, aceitar realizá-la: ele só se encontra na medida em que consente permanecer à distância de si mesmo. (BEAUVOIR, 2005.p18).

Na coletividade humana os conflitos se dão de forma ininterrupta (como dizia Sartre, “O inferno são os outros”), e o grande desafio está na convivência sem destruição, sendo que não há referências ou valores eternos e atemporais. O desafio ético é um desafio humano, nosso, e a Filosofia precisa construir uma moral sem base metafísica (a metafísica tradicional), uma Ética alicerçada no mundo humano, trazendo um projeto para a humanidade que contemple as diferenças entre humanos e fundamentalmente considere as diferenças entre homens e mulheres e vise a superação das opressões.

A grande questão que todo humano deve se fazer é *se quer viver e em quais condições?*³⁴ e, diante do que está dado, assumir sua vida, expressar sua liberdade, pois negar a liberdade e aceitar o que lhe é imposto é a conduta reprovável da *má-fé*, o que nada mais é do que uma negação de si mesmo(a) enquanto consciência livre.

O termo *autenticidade*³⁵ também era caro ao existencialismo de Beauvoir e estava ligado à atitude do sujeito de *assumir sua própria existência no mundo* de forma livre, reconhecendo as condições em que vive, contrapondo-se (se necessário) às objeções dos outros, afirmando

32 “O fracasso descrito em O Ser e o Nada é definitivo, mas é também ambíguo. O homem, diz Sartre é “um ser que se faz falta de ser, afim de haja ser”. Isso significa dizer em primeiro lugar que sua paixão não lhe é infligida de fora; ele a escolhe, ela é seu próprio ser e como tal não implica a ideia de infelicidade.” (BEAUVOIR, 2005, p.16).

33 “O mito de Sísifo” de Albert Camus.

34 “O homem existe. Não se trata para ele de se perguntar se sua presença no mundo é útil, se a vida vale a pena ser vivida: são questões destituídas de sentido. Trata-se de saber se ele quer viver e em que condições.” (BEAUVOIR, 2005, p19).

35 “É do conhecimento das condições autênticas de nossa vida que é preciso tirar a força de viver e razões para agir.” (BEAUVOIR, 2005. p15).

sua vontade no mundo³⁶, algo que para as mulheres era (e ainda é) sempre um grande desafio. Autêntica é a existência de quem se posiciona e afirma seu projeto no mundo, enfrentando as oposições, construindo seus próprios valores (dentro das possibilidades estabelecidas).

A liberdade, para Beauvoir, é precisamente aquilo que confere autenticidade à subjetividade. [...] De sorte que a subjetividade se constitui como liberdade efetivamente em meio a esse movimento por meio do qual a consciência se lança no mundo e, em meio à resistência que este lhe oferece, constitui, junto com ele, esse mundo possível também para si. Nisto consiste, fundamentalmente, aquilo que Beauvoir vai chamar de situação. Vivemos todas e todos no mundo em situação. O grau de possibilidade de interferir e, portanto, de conferir sentidos possíveis a esse mundo e à própria existência nele está diretamente relacionado, assim, ao campo de possibilidades, de condições de possibilidades de conferir autenticidade à própria subjetividade. (JOHANSON, 2018, p. 247-248).

Veremos, no último capítulo deste trabalho, que o pensamento de Beauvoir, lançado como uma bandeira de luta pela libertação das mulheres, é um projeto ético apresentado para a humanidade como um todo, e como tal estava totalmente ligado à afirmação de liberdade da própria filósofa.

36 Esse ponto nos faz lembrar do pensamento de F. Nietzsche e sua “afirmação da vontade de vida”, o que poderia ser identificado como uma ligação com a fenomenologia heideggeriana (dado que Heidegger retomou pontos importantes da filosofia de Nietzsche) a qual sem dúvida influenciou o Existencialismo.

5. EM BUSCA DA RECIPROCIDADE: Um projeto de libertação das mulheres

A angústia que, ao ser revelada, manifesta-nos à consciência a nossa liberdade, é testemunho da perpétua possibilidade de modificar nosso projeto inicial. (SARTRE, 1943, p. 542).

5.1. A SITUAÇÃO DA MULHER

Como vimos, é a pluralidade dos humanos em comunidade, consciências singulares, projetando seus próprios fins a partir de situações cujas particularidades são tão irreduzíveis quanto essas próprias consciências, o que deve ser tomado como fonte de valores para pensarmos a Ética. Partindo desse ponto, temos que retomar a problemática da situação das mulheres, pois é explícito que para as mulheres é muito mais difícil afirmarem suas vontades e expressarem liberdade em um mundo controlado por homens e sob a pressão de redes de significados que lhes oprimem, forçando muitas mulheres a caírem na resignação ou submissão, em passividade sombria.

Não há simetria entre os problemas das mulheres e os enfrentados pelos homens. O marco de atuação das mulheres é diferente do que enfrentam os homens, o custo da liberdade para as mulheres é mais alto. As mulheres no mundo se deparam com um sistema que impõe uma hierarquia, no qual a mulher é vista como inferior ao homem, e tal *sistema cultural de discriminação* é naturalizado pela sociedade, já que vem se perpetuando por séculos como uma tradição. A luta feminista nesse contexto é uma luta de libertação, por justiça, para desconstruir esse sistema de discriminação, derrubar essa rede de significados que pesa sobre as mulheres restringindo não apenas a ação das mulheres, mas modelando até mesmo seus corpos.

Não apenas as mulheres vivem uma outra situação, mas o próprio corpo das mulheres envolve uma situação diversa da que é vivida pelos homens em geral. As mulheres sofrem opressão, uma opressão que se perpetua por séculos na história humana, cerceando a expressão de suas vontades. Trata-se de uma opressão constante que se apresenta como barreira torpe, infame, contra a liberdade das mulheres. Sendo assim, ao tratar da questão do ser humano no mundo (sob a perspectiva da visão existencialista) ressalvas deveriam ser feitas com relação às mulheres.

Aqui entra, novamente, o tema dos limites da liberdade que faz Beauvoir questionar alguns dogmas existencialistas: a filósofa reconhece que a constituição de um *projeto*

depende de condições mínimas de autonomia que são, por exemplo, negadas a determinados grupos de indivíduos, como crianças, escravos (as) e mulheres em sociedades fortemente patriarcais. Ou seja, ainda que mantida a *liberdade natural* – o sujeito ainda pensa os próprios pensamentos e move o próprio corpo – a *liberdade moral* é restrita a partir de um projeto condicionado e pré-determinado pelo meio, de modo que mesmo seu movimento corporal pode ser restrito e vigiado e seus pensamentos permeados por culpas e imposições, tema que a filósofa desenvolve com mais pormenores em *O segundo Sexo (...)* (DE BEAUVOIR, 1947, p. 30ss). (MISSAGGIA, 2018, p. 143, grifos da autora).

Próxima a Sartre no que diz respeito à base fenomenológica que fundamentava a perspectiva Existencialista sobre o mundo, Beauvoir, no entanto, destacava que a situação concreta da mulher no mundo era muito diferente da situação do homem e tal discordância implicava em uma forma diferente de encarar o sujeito humano no que tange à liberdade.

Na visão de Beauvoir era importante sublinhar que a realidade da existência do sujeito no mundo real, concreto (a facticidade da existência), muitas vezes não combinava com os pressupostos filosóficos que partiam de um modelo de *sujeito formal*, e isso era algo muito claro quando se tratava de analisar a realidade vivida pelas mulheres e a expressão da liberdade no mundo concreto³⁷. Beauvoir enfatizou com muita propriedade o *problema da existência* no mundo concreto, como um problema filosófico de suma importância e é dentro dessa visão que a filósofa identificou as diferenças entre homens e mulheres.

É claro que homens, também, são reprimidos por outros homens, mas a opressão sobre as mulheres é escancarada e profunda, gerando uma ferida na história humana que impede a própria humanidade de ultrapassar limites, de melhorar enquanto coletividade em direção à abertura de novas possibilidades de compreensão e transformação no mundo.

As imposições do machismo, certamente, além de atrapalharem a expressão de liberdade das mulheres, também afetam a forma como as mulheres compreendem a si mesmas, daí o triste fato de muitas mulheres reproduzirem aspectos do machismo, evitando de realizarem o que gostariam de realizar por conta de preconceitos que nutrem em suas consciências, preconceitos esses provenientes da cultura do machismo. Há, por exemplo, mulheres que olham com reprovação para o comportamento de outras mulheres, pois estão, sem perceberem,

³⁷ Sartre, embora em “O Ser e o Nada” ainda se prenda em uma teoria construída com base na noção “formal” de sujeito (assumido como *livre* apesar das adversidades que no mundo há), depois, no decorrer de sua obra, acabou por se aproximar de Beauvoir e reconhecer a necessidade de levar em consideração o sujeito nas dificuldades de sua existência concreta, diante de percalços e oposições impostas por um mundo já dado; essa mudança também se deveu ao que Sartre viveu durante a guerra, o que o forçou a rever aspectos de sua filosofia.

reproduzindo o machismo; suas consciências são afetadas por valores impostos externamente a elas.

As mulheres são lançadas em um mundo onde valores preestabelecidos e aceitos como referenciais pela sociedade (impostos pelos homens) estabelecem uma rede de significados que pesa sobre os projetos de vida das mulheres, as quais precisam resistir ou se adaptarem a tais redes de significados em uma luta constante contra uma violência que impregna a cultura das sociedades humanas.

A situação da mulher também é seu corpo e como a sociedade tenta o moldar. As diferenças biológicas entre homens e mulheres não bastam para explicar a hierarquia entre os sexos em benefício dos homens, mas o ponto fundamental é a forma como o dado biológico foi historicamente interpretado. Tanto homens quanto mulheres, na perspectiva existencialista, possuem três corpos: corpo biológico (físico), corpo vivido, corpo como objeto para os outros (o que afeta também o próprio sujeito). Mas as mulheres possuem um quarto corpo que é imposto pelos valores masculinos afirmados na sociedade, um corpo social, uma *quarta capa*.

Socialmente a mulher é valorada, uma rede de significações pesa sobre as mulheres. Ser mulher é viver em um mundo pré-significado globalmente por normas sociais que determinam o que a mulher *deve ser* antes mesmo da existência concreta da mulher, e isso aparece em quase todas as sociedades humanas. É verdade que o fato da mulher ser capaz de gerar outro ente humano é algo que também pesa: a mulher é vista como *habitada pela natureza*, mais próxima do lado *animal da espécie*, seu corpo sangra ao cumprir o ciclo da menstruação, etc, mas isso também não bastaria para determinar uma hierarquia de valores, ainda que sem dúvida seja usado contra as mulheres. Seu uso, porém, para a discriminação, envolve uma escolha dos homens, uma imposição de força que toma como desculpa a situação biológica da mulher.

Sob a pressão da moral imposta pelos homens, as mulheres, muitas vezes, precisam jogar com as circunstâncias e adaptarem-se às regras do jogo para não sofrerem com a violência do machismo. Essa *adaptação*, que aparenta submissão, mas que nada mais é do que uma estratégia de sobrevivência no meio social, envolve aceitar normas estéticas e de comportamento relacionadas ao corpo feminino; já outras se submetem assimilando os valores machistas de uma forma que na psicologia poderia ser classificada como *inconsciente*, mas, em ambos os casos, evitar o sofrimento está sempre implícito.

O controle sobre o corpo da mulher pressupõe, como já vimos, a reprodução, a capacidade da mulher gerar vida. O controle sobre a capacidade reprodutiva da mulher aparece

em praticamente todas as sociedades humanas na forma de admoestações doutrinárias religiosas, bem como também no âmbito das leis, o que faz com que seja uma importante luta feminista a luta pela liberdade da mulher decidir sobre o aborto, ou mesmo como evitar a gravidez através do uso de pílulas e métodos anticoncepcionais.

É comum o controle sobre o corpo da mulher com a justificativa da fertilidade, identificando a mulher a uma matriz para a geração de filhos e perpetuação da espécie. As religiões com frequência costumam impor dogmas ao comportamento das mulheres, visando, em especial, o controle sobre a capacidade reprodutiva delas, e isso mesmo em épocas nas quais se acreditava que os homens eram a parte mais importante do processo reprodutivo (como na Idade Média, quando a mulher era vista como *mero receptáculo da semente masculina*).

Podemos pensar que o corpo é fundamental para definir como uma pessoa será classificada pela rede de significações que permeia as relações sociais, pois se a consciência de cada sujeito está no mundo, lançada, e não há o que defina como essência o que é o humano, não há dúvidas de que os ataques direcionados às mulheres (e muitas determinações morais) têm como alvo o corpo feminino.

Os corpos são moldados pela forma como as culturas entendem como *deve ser um corpo*, tanto masculino, quanto feminino, e a isso somam-se escolhas estéticas e a moda nas sociedades. Mas na maioria das sociedades as mulheres são vistas como inferiores em uma escala hierárquica com relação aos homens e, em uma escala de liberdade, sempre a possibilidade de autonomia é mais baixa para as mulheres, mesmo entre as que integram classes sociais mais abastadas nas sociedades capitalistas ocidentais, por exemplo. Certamente, ainda é pior para as mulheres mais pobres da classe trabalhadora dos países subdesenvolvidos.

É difícil dizer com certeza se a rejeição a algumas qualidades atribuídas ao comportamento das mulheres é uma rejeição às mulheres propriamente (tomadas como entes humanos, com seus corpos específicos), pois, esses comportamentos, pelo que vimos, foram impostos pelos homens no passado e, sendo assim, a rejeição seria contra algo imposto pelos próprios homens. Em outras palavras: as mulheres se comportam de acordo com o que uma cultura, moldada por interesses dos homens, lhe impõe e esse comportamento é visto como expressão de qualidades negativas (se comparadas essas qualidades ao comportamento idealizado que se espera dos homens). Por exemplo, no máximo uma mulher que segue esses padrões será vista como uma boa esposa ou mãe, mas lhe será negada possibilidade de autodeterminação. Sendo assim, os homens expressam desprezo, muitas vezes, contra um

padrão de comportamento que eles mesmos jogaram sobre as mulheres, embora, também, ocorra que ao se enquadrarem, sem questionar, nesse padrão, as mulheres sejam mais respeitadas nas sociedades onde estão inseridas, ainda assim esse padrão de comportamento é visto como inferior ao ideal masculino.

Os homens também seguem padrões de comportamento, mas o problema aí é a questão das possibilidades de autodeterminação e liberdade, pois mesmo os homens mais pobres³⁸, se comparados às mulheres, parecem ter reconhecida a possibilidade de afirmação de suas identidades e autodeterminação, porém dentro ainda dos padrões impostos pela cultura da sociedade, o que levanta a questão de que: se um homem optar por se comportar de uma forma que destoe desses padrões, provavelmente terá problemas e sofrerá censuras ou algo mais grave. Os homossexuais, por exemplo, sofrem em muitas sociedades por destoarem do comportamento idealizado para os homens “cis” heterossexuais, e nisso poderíamos identificar mais uma vez a relação com o que é visto, por uma visão preconceituosa ainda muito forte nas sociedades ocidentais (e em outras sociedades), como *comportamento de mulheres*, motivo pelo qual homossexuais com corpos masculinos provavelmente sofram reprovação, o que só é diferente em sociedades onde os próprios homens afirmam hegemonicamente o comportamento homossexual como algo não negativo, como foi o caso da Atenas antiga em alguns períodos de sua história.

Um bom exercício de imaginação é pensarmos na hipótese de: se a consciência de um sujeito com corpo masculino, de alguma forma, pudesse ser transferida para o corpo de uma mulher, certamente tal sujeito iria sofrer o mesmo que uma mulher sofre na sociedade. Isso, em certa medida, é o que acontece com travestis e mulheres trans, por exemplo, e nesse caso a identidade de gênero assumida também é identificada com um modelo de *ser mulher* tomado como referência e escolhido pela pessoa. Por outro lado há o caso de pessoas com corpo feminino mas que preferem assumir uma identidade de gênero masculina, e mesmo que passem a se comportar, usar vestimentas masculinas e agir de acordo com a forma como a sociedade esperaria que um homem agisse, se essas pessoas ainda forem identificadas fisicamente como mulheres pela “visão discriminatória predominante na sociedade” (*por possuírem o órgão sexual feminino e útero, por exemplo*), serão ainda muitas vezes tratadas segundo a maneira

38 Homens pobres da classe trabalhadora terão dificuldades para a efetivação da autodeterminação e expressão de liberdade, construir de forma autônoma suas identidades, mas entre as famílias da classe trabalhadora as mulheres em geral sofrem mais (tal como acontece entre escravos), como vimos em trechos anteriores do presente trabalho.

como a moral predominante na sociedade trata as mulheres, e correrão o risco de sofrerem os mesmos ataques que *mulheres cis* sofrem em geral³⁹.

39 Não vou me aprofundar na análise desses exemplos, pois, como já disse em outro trecho desta dissertação, Beauvoir não enfatizava a diferenciação entre *sexo e gênero* na época em que escreveu as obras as quais tomei como referência para o desenvolvimento do presente trabalho, mas achei pertinente mostrar tais exemplos para reforçar a necessidade de pensarmos com muita atenção sobre a forma como as mulheres são tratadas na maioria das sociedades humanas, em especial nas chamadas *sociedades de cultura ocidental*.

5.2. EXISTIR E RESISTIR COMO MULHER

Hesitei muito tempo em escrever um livro sobre a mulher. O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo deu muito que falar: agora está mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso. . . No entanto, ainda se fala dela. E não parece que as volumosas tolices que se disseram neste último século tenham realmente esclarecido a questão. (...) Todo mundo concorda em que há fêmeas na espécie humana; constituem, hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e contudo dizem-nos que a feminilidade "corre perigo"; e exortam-nos: "Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres". Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. (BEAUVOIR, 1970, p. 7).

Olhando para minha própria história de vida, lembro de minha infância e adolescência, fases importantes do desenvolvimento de meu ser em construção, em interação com um mundo ainda a ser desvendado. Hoje, o olhar racional da filosofia me ajuda a tentar decifrar este mundo e lapidar a mim mesma como mulher, mas isso só faz sentido para mim se estiver combinado à sentimento e poesia. *Ser mulher* é como um constante peso entre vias possíveis do *tornar-se mulher*.

Existir como uma consciência humana em corpo feminino é muitas vezes difícil, o mundo é cruel, nos fustiga com cobranças e vontades alheias, estamos carregadas de marcas do passado, de um passado que não é apenas o de cada uma de nós individualmente, mas um passado de todas as mulheres, uma cicatriz ainda aberta da própria humanidade. Sinto, como a maioria das mulheres, a existência como um peso, e isso é algo que ganha destaque em minha consciência quando estou diante de situações no mundo que me cobram um comportamento padrão, adequado ao que a sociedade determina e impõe que *deva ser a mulher*.

Memórias de minha existência, até o presente instante, fazem-me pensar que, hoje como mulher, sou todas as minhas experiências revividas no agora. Lembro de minha adolescência, um período de sonhos e fantasias (como bem descreve Beauvoir no Tomo II de *O Segundo Sexo*). Essa época da vida de uma menina é um período lúdico, no qual a vontade de viver com intensidade pulsa com muita vivacidade, alimentada por um olhar singelo direcionado a imaginações de *um mundo possível*. Em minha adolescência, ainda acreditava que caminhos para minhas ações estariam sempre abertos e sem restrições. *Os males do mundo* não me atormentavam, pois diante deles meus desejos eram mais fortes, mas isso são ilusões que nossas mentes forjam para sobrevivermos em um mundo que não criamos, um mundo já dado onde somos lançadas.

O mundo no qual vivemos é carregado de prisões ideológicas, restrições, armadilhas, perigos simbólicos e físicos. Quando nossos desejos e ações não se realizam, a angústia nos impregna, a realidade nos paralisa. A opressão⁴⁰ no mundo é algo real e não deveria ser assim. A consciência humana, atenta para a própria existência, sente que há algo errado no mundo, mas este algo errado nada mais é que a atmosfera gerada pelas opressões e violências que impedem a expressão de nossa liberdade.

Pergunto-me: *O que leva a humanidade a desejar maltratar a si mesma, oprimir a si e manter a opressão por séculos, o que leva a humanidade a fazer o que faz, querer agir como age?* A humanidade como espécie é também uma existência, uma existência coletiva, formada por existências individuais que estão em constante conflito umas com as outras; isto nos parece dizer que o mundo humano é uma arena de embates, onde uns tentam controlar os outros e impor seus interesses, enquanto alguns ainda sonham com utopias e outros(as) apenas desejam manifestar liberdade sem atacar a ninguém.

A angústia faz parte da existência humana, não há verdades eternas, não há Deus, o absurdo é o roteiro do mundo, mas isso abre-nos a oportunidade para criarmos valores, construirmos um novo mundo ou *novos mundos*. De um ponto de vista estético, é rica a brecha para a criação em um mundo sem sentido pré-determinado.

Mas todos percebemos, em algum momento da vida, que este mundo de perfeito realmente nada tem, está longe de ser *o melhor dos mundos possíveis* e tal como está não satisfaz nossos anseios, a não ser que a pessoa viva em meio à classe dominante em vida abastada, mas, mesmo assim, se for mulher se deparará com o machismo.

Há divisões de classes e exploração, há guerras, discriminação, fome, destruição de vidas humanas e de outras espécies. O capitalismo *canibal* que tomou conta do globo transformou nossos sonhos em mercadoria. E mesmo como animais *sociais*, consciências que precisam de interação, não aprendemos com a história e continuamos repetindo os mesmos

40 “[...] o que principalmente define uma situação de opressão, assegura Beauvoir, é a condição de que ela *nunca é natural*. [...] A opressão apenas pode ser vivida, e também praticada, por indivíduos humanos. E essa prática, prossegue Beauvoir, leva à divisão do mundo, no limite, em dois grupos: aquele dos que “edificam a humanidade”, ou seja, que constituem propriamente o sentido dela e para ela; e aquele dos que são “condenados a vegetar sem esperança”, que vivem apartados de si e cuja vida é empregada fundamentalmente na manutenção de uma coletividade da qual não pertencem inteiramente; ou então, poderíamos dizer aqui, cujas vidas são empregadas na manutenção da harmonia da coletividade, mas isto se essa ideia de harmonia já não estivesse tão intrinsecamente comprometida com a situação de opressão.” (JOHANSON, 2018, p. 248).

erros, perpetuando sofrimento.

A mulher, no meio da comédia da história humana, é muitas vezes reduzida a um corpo que esteticamente precisa agradar a um padrão imposto pela sociedade, como se não bastassem as exigências naturais do próprio corpo da mulher, há essa outra *etiqueta* imposta pela sociedade. O corpo físico da mulher necessita de cuidados específicos que o corpo do homem não exige. A mulher menstrua, a mulher pode engravidar.

É importante aceitarmos a realidade de nossos corpos físicos e resistirmos às imposições de estereótipos lançados pela sociedade machista sobre o corpo feminino. Tais estereótipos, padrões de beleza e comportamento, modas, é o que faz com que muitas mulheres se sintam deprimidas ou em conflito consigo mesmas em algum período de suas vidas, por não aceitarem seus próprios corpos como são.

É por intermédio do corpo que existimos. Somos corpos, nossas existências enquanto mulheres se confundem com nossos corpos. Sangramos, e nosso sangue não cessa nesse sangrar que cumpre ciclos, nossa força se revitaliza e seguimos fortes a cada novo período. A vida é, para nós mulheres, uma resistência, e nossa força está em nós mesmas, em nosso existir afirmado, pois pulsamos, e nossa libertação será a elevação da própria humanidade.

Somos coletivamente um olhar de amor sobre o mundo, o olhar da bruxa, a dança das feiticeiras, a sabedoria da deusa de Atenas, a beleza pura das sacerdotisas, a raiva e clamor da escrava, o carinho de uma mãe, o afeto de uma esposa, o suor de uma trabalhadora, a mulher pobre que vive e percorre labirintos da vida para garantir a sobrevivência de seus filhos.

Como mulheres simbolizamos o caminho da vitória e o beco da discórdia, a risada da zombaria entre as nações tal como Helena de Tróia, mas também a harmonia e solidariedade, o sagrado das religiões e suas profecias. Não somos nem puras nem pecadoras, mas poeticamente carregamos aquilo que a humanidade nega de si, a cor dos caminhos sem volta, a palavra atemporal de filosofias perenes, o amargo das mentiras patrióticas em forma de estátua, a persuasão dos discursos manipuladores, o delírio do falso profeta, a cicatriz de uma falsa ideia de esperança. Vítimas da doutrina ilusória de um mundo no além, carregamos a dualidade entre a vida e a morte, entre o hoje e o amanhã, marcadas pelo que já foi blasfêmia em uma época, o caminho da perdição no Éden, o caminho entre o bem e o mal. Em todas essas estradas a mulher foi símbolo positivo ou negativo, mas nunca anulada totalmente, mesmo que a vontade do homem fosse submetê-la e silenciá-la.

Sempre busquei em minha existência afirmar meu querer, e minhas singelas pegadas no tempo mostraram-me que, neste labirinto da vida, há passagens belas e tristes para todos, há momentos bons e ruins que se alternam, mas as mulheres carregam desde o nascimento uma *cruz*, pelo simples fato de terem nascido mulheres.

Acredito ainda, apesar da humanidade parecer no momento se auto-consumir (enquanto destrói o mundo), que algum caminho novo poderá surgir e devemos na verdade criar esta alternativa, um caminho para a realização da liberdade para as mulheres. Esse projeto deve ser impulsionado por uma revolta que deseje libertação, o que, sem dúvida, será (se um dia acontecer) uma grande transformação para a humanidade como coletividade.

5.3. RECIPROCIDADE E LIBERDADE

5.3.1 O ideal Socialista e sua relação com a luta de libertação das mulheres

Como uma Filosofia que preza pela liberdade da consciência humana, definindo o humano como um ser em construção, cuja liberdade é fundamental em seu processo de desvelamento do ser e transcendência, a preocupação com a desigualdade entre humanos e a opressão era um problema que deveria filosoficamente ser enfrentado, e neste ponto a opressão contra as mulheres ganhava destaque para Beauvoir. Ela via aí uma opressão sobre metade da humanidade e, alguns poderiam dizer (com base em dados estatísticos), que se trata na verdade de uma opressão sobre *a maior parte da humanidade*.

O Existencialismo destacava que toda escolha do sujeito é um posicionamento no mundo, e assim era também para Beauvoir sua obra filosófica e literária. Seu Feminismo era uma tomada de posição que implicava em um projeto de vida, alinhado a uma visão de humanidade, a qual almejava como ideal uma humanidade que realizasse a liberdade e a igualdade, livre da opressão, onde as mulheres fossem respeitadas como partes importantes dessa coletividade. Portanto, a Filosofia para Beauvoir carregava um projeto⁴¹ Ético, era uma Filosofia comprometida com uma transformação radical na história humana, uma *Filosofia de Libertação*.

Como filósofa politicamente engajada, seu projeto filosófico buscava construir caminhos para a manifestação da liberdade e se pautava por valores explicitamente declarados:

41 Sobre o termo *projeto*:

“É usado num sentido muito amplo, sobretudo nos escritores existencialistas, para designar tudo aquilo pelo qual o indivíduo tende a modificar-se e a modificar o que o rodeia numa certa direção. ‘Quando digo que o homem é um projeto que decide por si próprio...o que quero dizer...é que ele não tem a priori estados psíquicos como o prazer ou a dor para espicaçar a consciência, mas que na realidade a consciência se faz prazer ou dor e que ela decide assim, seja na sua estrutura, seja no curso de uma vida, sobre a natureza ou a essência de si própria e do homem.’ J.P. SARTRE, “Consciência de si e conhecimento de si”, Bull. Da Soc. Fr. De Fil., sessão de 2 de junho de 1947, p.81” (LALANDE, 1993, p. 872).

“*Projeto*: Esse termo acrescenta a seu sentido comum uma significação ontológica nas filosofias existencialistas. Para Heidegger, designa no Dasein, a capacidade de ser o todo jogado para frente de si mesmo e viver assim na preocupação. Sartre nele transcreve algo da intencionalidade de Husserl: é o próprio indivíduo humano, e não apenas sua consciência, que é projeto por inteiro, ou seja, maneira de reagir à situação em que se encontra proporcionando-lhe um sentido”. (DUROZOI e ROUSSEL, 2002, p, 384).

a liberdade e a igualdade. Isso foi o que aproximou Beauvoir dos ideais do Socialismo.

Por não negar o contexto histórico e social onde a existência do sujeito se desenrola, o *Materialismo Histórico* que embasava o chamado *socialismo científico* foi uma inspiração para o Existencialismo de Beauvoir, porém tal inspiração não foi assumida sem algumas críticas importantes, algumas das quais vimos no primeiro capítulo.

Beauvoir acreditava que o Socialismo poderia auxiliar no processo de libertação das mulheres e, mais do que isso, poderia oferecer um projeto de libertação para toda a humanidade, na superação das desigualdades. Mas, para isso, seria necessário às teorias socialistas, em especial o *Materialismo Histórico Dialético* (vulgarmente chamado marxismo) levar em consideração as peculiaridades da situação da mulher, reconhecer que mesmo dentro da classe proletária (explorada) as mulheres sofrem com o machismo por parte de seus próprios *camaradas* homens.

O Existencialismo, como defendeu Sartre, é um Humanismo, e está, portanto, fundamentado sob a realidade humana, direcionado a preocupações humanas, no mundo social humano. Aí temos uma aproximação com o *marxismo*, que também nega buscar valores de referência em imaginários extramundanos e volta-se para a história humana e a facticidade.

Como todo humanismo radical, o marxismo reprova a ideia de uma objetividade inumana e se situa na tradição de Kant e de Hegel. A diferença dos velhos socialismos utópicos que confrontavam a ordem terrestre com os arquétipos de Justiça, de Ordem, de Bem, Marx não considera que certas situações humanas sejam em si e absolutamente preferíveis a outras: são as necessidades de um povo, as revoltas de uma classe que definem metas e fins; é do seio de uma situação recusada, à luz dessa recusa, que um estado novo aparece como desejável: somente a vontade dos homens decide; é a partir de um certo enraizamento singular do mundo histórico e econômico que essa vontade se lança para o futuro, escolhendo então uma perspectiva em que as palavras meta, progresso, eficácia, êxito, fracasso, ação, adversários, instrumentos, obstáculos tenham um sentido; então certas ações podem ser vistas como boas e más. (BEAUVOIR, 2005, p. 22).

O *marxismo* também exige um compromisso: o indivíduo comprometido com a coletividade da classe proletária. Porém, mais forte que isso está o compromisso com o partido ou movimento socialista, o *amor à causa*, gerado pelo impulso de uma revolta gerada em meio à realidade humana: “Para que surja o universo dos valores revolucionários, é preciso que um movimento subjetivo os crie na revolta e na esperança” (BEAUVOIR, 2005, p. 22).

O marxismo valoriza a vontade do sujeito, alimentando a ação. Mas essa vontade não é livre, não é expressão da liberdade individual (mesmo que somada ao coletivo). Ela está

conectada a fatores históricos determinados por condições econômicas e sociais estabelecidas, sobre as quais o indivíduo pouco controle tem, mas diante das quais poderá, somando forças com outros sujeitos, tentar agir de acordo com as circunstâncias e orientado pela teoria socialista, caso tome consciência de sua situação (o que pode ocorrer na pressão da própria vida social, no sofrimento consequente da exploração). Diante disso, Beauvoir destacava a noção de *liberdade* do existencialismo, dando ênfase à necessidade do sujeito de livremente afirmar-se no mundo e não apenas responder à pressão externa, dada por uma estrutura social ou modo de produção.

[...] no marxismo, se é verdade que a meta, o sentido da ação são definidos por vontades humanas, essas vontades não aparecem como livres: elas são o reflexo das condições objetivas pelas quais se define a situação da classe, do povo considerado; no momento atual do desenvolvimento do capitalismo, o proletariado não pode não querer sua supressão como classe; a subjetividade se dissolve na objetividade do mundo dado; revolta, necessidade, esperança, recusa, desejo são apenas as resultantes das forças externas. [...] esse é o ponto essencial sobre o qual a ontologia existencialista se opõe ao materialismo dialético; pensamos que o sentido da situação não se impõem à consciência de um sujeito passivo, que ele só surge pelo desvelamento operado por um sujeito livre em seu projeto. (BEAUVOIR, 2005, p. 22. 23).

No Existencialismo a liberdade, embora inerente ao humano⁴², precisa ser confirmada pelo sujeito em seus atos e escolhas no mundo, e há graus de liberdade. O sujeito pode submeter-se a interesses alheios na conduta da *má-fé*, mas aí estará ainda sendo livre, ou seja, mesmo na *alienação* seria ainda livre. No entanto, como já vimos, Beauvoir faz ressalvas com relação à situação das mulheres, mostrando que, para as mulheres, o assumir projetos livremente não é tão fácil quanto é para os homens. As escolhas das mulheres são restritas pela opressão na sociedade, e se há opressão entre trabalhadores, temos que recordar que entre esses as mulheres são as mais oprimidas.

Ainda sobre a liberdade e o marxismo, Beauvoir vai reconhecer que há uma contradição assumida no marxismo, o qual tenta conciliar uma visão calcada em um *determinismo*

42 “Entretanto, ao lado do fato de esta liberdade ser uma realidade, um dado existencial do humano, ela também precisa ser confirmada, o que significa que o sujeito só se mantém livre pelo movimento próprio em confirmar-se livre. A confirmação da liberdade é o movimento ontológico que o sujeito empreende e é constituído por dois momentos: o de desvelar-se e o de desvelar o dado do mundo, e, em várias passagens, Simone de Beauvoir afirma que o ser *quer desvelar o ser*. Dizer que o ser quer desvelar o ser e que isto equivale a dizer que o ser quer ser livre é falar de *intencionalidade ontológica*”. (VAIANA, 2010, p.123).

*economicista e histórico materialista com a necessidade de liberdade na tomada de consciência para a ação revolucionária*⁴³.

[...] o marxismo nem sempre nega a liberdade; a própria noção de ação perderia todo o sentido se a história fosse um desenrolar mecânico em que o homem só aparece como um condutor passivo de forças que lhe são estranhas; ao agir, como também ao pregar a ação, o revolucionário marxista se afirma com um verdadeiro agente, ele se coloca como livre. (BEAUVOIR, 2005, p. 23).

Os marxistas, na interpretação de Beauvoir, rejeitam a noção de liberdade que o existencialismo preconiza, já que precisam propagar a *verdade* escolhida do discurso socialista revolucionário diante do qual, para eles, toda escolha individual, que tome outro caminho, soa como vaidade burguesa ou traição à classe proletária e ao partido que a represente.

Enquanto o *marxismo* tende a cristalizar-se em doutrina rígida, mesmo que reinterpretada em correntes diversas ou quando oficializada institucionalmente por partidos no controle de Estados que se autodenominam socialistas (como a ex URSS e China) e que na prática foram (ou ainda são) regimes autoritários que se distanciaram muito do pensamento original do socialismo de Karl Marx e Engels, o Existencialismo insiste na liberdade como base fundamental para a construção de qualquer projeto de libertação que se preze, o que, aliás, é algo que soa como uma tautologia, já que se falamos em *libertação*, a liberdade necessariamente precisa estar pressuposta.

A liberdade é a fonte de que surgem todas as significações e todos os valores; ela é a condição original de toda justificação da existência; o homem que busca justificar sua vida deve querer antes de tudo e absolutamente a própria liberdade: ao mesmo tempo em que ela exige a realização de fins concretos, de projetos singulares, ela se exige universalmente. [...] Querer-se moral e querer-se livre é uma única e mesma decisão. (BEAUVOIR, 2005, p. 26).

Apesar das críticas e de identificar que não bastava o ideal socialista para resolver o problema da opressão contra as mulheres, Beauvoir encerra o Tomo II de *O segundo Sexo* aproximando-se do discurso socialista, sem, no entanto, deixar de frisar que o próprio socialismo só seria realmente possível se a reciprocidade entre homens e mulheres, *em uma*

43 “Os marxistas também se veem com frequência levados a ratificar essa crença do homem em sua liberdade, conciliando-a como podem com o determinismo. Entretanto, quando essa concessão lhes é arrancada pela própria prática da ação, é em nome da ação que eles pretendem condenar uma filosofia da liberdade; declaram com autoridade que a existência da liberdade tornaria impossível todo empreendimento concertado; de acordo com eles, se o indivíduo não fosse coagido pelo mundo externo a querer isso mais do que aquilo, nada o protegeria de seus caprichos.” (BEAUVOIR, 2005, p. 24).

situação de igualdade e fim da subjugação das mulheres, fosse alcançado. Caso contrário, a ambição socialista de um mundo livre e igualitário (com o fim da exploração da classe trabalhadora, fim da luta de classes, em plena igualdade) não passaria de engodo.

A libertação das mulheres é questão que o socialismo/comunismo não pode deixar de lado, pelo contrário, deve ser o ponto de suma importância para qualquer movimento socialista que se preze, afinal falamos da libertação de metade da humanidade e, por outro lado, essa libertação só será plena em uma sociedade efetivamente igualitária e livre, o que no capitalismo não é viável.

O capitalismo não combina com *igualdade entre homens e mulheres*, pois é um modo de produção alicerçado sobre hierarquias de poder, e quem domina as sociedades capitalistas são famílias ricas que controlam grandes empresas privadas, as quais patrocinam políticos para governarem Estados, servindo a seus interesses particulares – sendo que, essas famílias são, por sua vez, controladas na maioria das vezes por homens. Em última instância temos, então, no sistema capitalista o primado do patriarcado sobre a maioria das sociedades humanas, visto que o capitalismo hoje é global.

Mesmo que as mulheres tenham alcançado direitos políticos e, aparentemente, graus mais altos de *liberdade* nas sociedades ditas democráticas e capitalistas do Ocidente, por exemplo, sabemos que isso atende a uma demanda do mercado por mão de obra e consumo e que a opressão sobre as mulheres permanece nessas sociedades, nas quais o machismo e a violência contra as mulheres são ainda muito fortes e a disparidade de salários entre homens e mulheres em geral ainda se mantém.

5.3.2. A possibilidade de realização da Reciprocidade entre homens e mulheres e seu significado para a história humana⁴⁴

A negação de reciprocidade (que parte dos homens) às mulheres, revela um conflito interno da própria espécie humana. É como se a espécie rejeitasse parte de si na negação de possibilidade de autodeterminação para as mulheres. Mas é preciso reconhecer que mesmo os homens estão submetidos a imposições e influências culturais, econômicas, sociais e históricas, que atrapalham e até mesmo, muitas vezes, impedem uma real autonomia, sendo muitos desses fatores cristalizados em tradições que se perpetuam por séculos e extravasam sociedades específicas, no momento em que algumas culturas se espalham pelo globo. Tais elementos foram também no passado afirmados por homens que conseguiram impor seus interesses sobre outros e, em especial, sobre as mulheres.

Um *modelo de masculino* foi assumido como referência para a conduta humana idealizada de acordo com valores afirmados por alguns homens. Nessa idealização, o corpo masculino foi tomado como um padrão referente à força e virilidade e também idealizado (dado que os corpos masculinos não são idênticos, embora possuam características em comum). Por outro lado, os corpos das mulheres foram identificados (de acordo com o modelo imposto) como frágeis receptáculos, símbolos de beleza ligada ao erotismo, como algo a ser dominado, possuído, subjugado pelos corpos *rudes* e fortes dos homens. Mais precisamente, um ideal de corpo feminino foi tomado como base para se avaliar todos os corpos de mulheres. Tudo isso, porém, foi moldado no decorrer da história das sociedades humanas e alguma coisa até pode mudar com a moda no decorrer das épocas, mas sempre sobre orientação de interesses masculinos.

É importante destacar que, na perspectiva do Existencialismo, a “existência precede a essência” e o humano está em construção em meio a um mundo dado (natureza, cultura, sociedade, história), em busca de si, lapidando a si mesmo(a), portanto toda afirmação de

44 “De um ponto de vista ético, falar na superação da condição de subordinação das mulheres às vontades dos homens é falar na liberdade da própria humanidade, uma humanidade que poderá se tornar mais completa no momento em que reconhecer autonomia para a metade ainda subjugada de si mesma, chegando a uma situação de igualdade e superação da divisão interna da espécie, em ambiente realmente propício para a expressão da liberdade, tal como almejam os ideais socialistas.” (FELDEN, P; COELHO, P, 2018, p.475).

identidade e comportamento é uma construção sob elementos do mundo onde o sujeito está lançado, e isso vale mesmo para os homens que conseguiram impor suas vontades na história. Ou seja, também não se nasce homem, pois isso é mais uma construção social e cultural.

Podemos pressupor, porém, que em um determinado momento da história das sociedades, alguns homens conseguiram impor seus interesses e escolhas sobre os demais e assim ditaram o que deveria ser seguido por todos (homens e mulheres). Submeteram pela força outros homens e mulheres, mas especialmente as mulheres, as quais, pela condição biológica inerente a seus corpos, e por uma escolha dos homens, acabaram por ser subjugadas também pelos próprios homens vencidos.

Uma parte da humanidade nega liberdade de autodeterminação a outra parte da humanidade, e isso não é apenas um problema de conflito entre homens e mulheres, mas não há dúvida de que nesse jogo as mulheres sempre são as mais prejudicadas. Beauvoir reconhece que questões de ordem política e econômica pioram muito a situação das mulheres e impedem a mudança. Atrapalham a quebra deste esquema nefasto.

Sociedade fundadas sobre a propriedade privada dos meios de produção (sob controle de uma classe social) onde a força de trabalho da maioria da população é tomada como mercadoria, em uma situação de desigualdade escancarada, como é o caso das sociedades capitalistas (algumas com mais desigualdade e problemas que outras), são sociedades onde a situação da mulher tende a não ser significativamente muito alterada rumo à autonomia. Isso porque tais sociedades são baseadas em um modo de produção que gera uma superestrutura que ostenta uma hierarquia de poder, a qual perpassa todos os âmbitos da vida social. No topo da hierarquia de poder estão os chefes das famílias ricas que controlam mega empresas capitalistas e, conseqüentemente, possuem poder suficiente para interferirem nos Estados e influenciar mudanças nas culturas das sociedades de acordo com seus desejos; eis aí o patriarcado ainda no poder.

Uma mulher pode melhorar sua condição de vida se tiver um emprego e conseguir se manter economicamente de forma independente. Podemos ver nisso uma vantagem do capitalismo (em sociedades que adotaram o “modelo liberal de democracia”) diante de sociedades com modos de produção ainda mais atrasados, como o feudalismo e o escravismo. No entanto, mesmo as mulheres que ocupam cargos elevados no aparato estatal ou em empresas privadas, precisam se enquadrar no padrão de comportamento ditado pelos homens para serem respeitadas e, ainda assim, acima delas dominará o patriarcado. Como diz Beauvoir: “A mulher

que se liberta economicamente do homem nem por isso alcança uma situação moral, social e psicológica idêntica à do homem” (BEAUVOIR., 1967, p. 451).

A cultura machista faz parte da superestrutura da sociedade e expressa a visão de mundo dos homens, chefes de família, da alta burguesia ou, dependendo da sociedade, também dos homens do clero e das forças armadas, sendo que a mídia apenas se submete a essas orientações. Mesmo com direitos políticos⁴⁵ ou ativamente participando de um governo, mulheres ainda não estão livres do peso da hegemonia cultural e ideológica dos homens, e muitas mulheres no *controle* do poder executivo em Estados já demonstraram muitas vezes reproduzir o machismo e defenderem interesses da classe dominante, propagando a exploração sobre a classe trabalhadora, que é formada em sua maioria por mulheres. Mulheres em partidos conservadores de Direita, em cargos dirigentes, como deputadas, senadoras, governadoras, por exemplo, são exemplos de *mulheres* atuando contra os interesses de *mulheres trabalhadoras*.

A saída para este enredo de tormentos ao qual as mulheres estão submetidas e que, ao mesmo tempo, impede uma maior liberdade da própria humanidade enquanto espécie, é a construção de uma nova realidade social e política. Apenas uma sociedade igualitária, baseada em princípios socialistas, poderiam gerar condições para uma nova situação propícia à liberdade e autodeterminação das mulheres. No entanto o socialismo, também, não pode ser realizado com bases distorcidas, tal como ocorreu em regimes que apenas fizeram uso da propaganda socialista marxista para persuadirem populações, mas que na prática desenvolveram sistemas de opressão e controle social, regimes esses controlados também por homens (como a ex URSS, Coreia do Norte, China maoísta).

O socialismo precisa ser realmente fiel a suas intenções originais e estar calcado sobre os princípios de igualdade e liberdade, com o fim das hierarquias de poder e exploração, ou seja, precisaria chegar ao ideal utópico do comunismo, caso contrário seria só mais um sistema de opressão, tal como acontece com o capitalismo sob diversas roupagens ideológicas pelo

45 “[...] essas liberdades cívicas permanecem abstratas quando não se acompanham de uma autonomia econômica. A mulher sustentada — esposa ou cortesã — não se liberta do homem por ter na mão uma cédula de voto; se os costumes lhe impõem menos obrigações do que outrora, as licenças negativas não lhe modificaram profundamente a situação; ela continua adstrita à sua condição de vassala. Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino.” (BEAUVOIR., 1967, p.449).

mundo. Além disso, a interpretação meramente economicista que alguns socialistas marxistas (até mesmo Engels⁴⁶) fazem da sociedade, não satisfazia Beauvoir. Para ela, era preciso levar em consideração fatores culturais, a questão das mulheres e a condição existencial do ente humano. No entanto, não há dúvidas de que Beauvoir considerava sim o socialismo (especificamente o chamado “socialismo científico” de Marx) como uma possibilidade para a superação da condição de subjugação das mulheres, mas esse *socialismo* precisaria contemplar um *projeto existencialista de libertação das mulheres*, para assim realizar-se também como proposta de real transformação revolucionária.

[...] é quando for abolida a escravidão de um a metade da humanidade, e todo o sistema de hipocrisia que implica, que a "seção" da humanidade revelará sua significação autêntica e que o casal humano encontrará sua forma verdadeira. "A relação imediata, natural, necessária do homem com o homem é a relação do homem com a mulher", disse Marx. "Do caráter dessa relação decorre até que ponto o homem se comprometeu com o ser genérico, com o homem; a relação do homem com a mulher é a relação mais natural do ser humano com o ser humano. Nela se mostra, portanto, até que ponto o comportamento natural do homem se tornou humano ou até que ponto o ser humano se tornou seu ser natural, até que ponto sua natureza humana se tornou sua natureza". Não há como o dizer melhor. É dentro de um mundo dado que cabe ao homem fazer triunfar o reino da liberdade; para alcançar essa suprema vitória é, entre outras coisas, necessário que, para além de suas diferenciações naturais, homens e mulheres afirmem sem equívoco sua fraternidade. (BEAUVOIR, 1967, p. 500).

46 “Reivindicar para ela todos os direitos, todas as possibilidades do ser humano em geral não significa que se deva deixar de enxergar sua situação singular. E para conhecê-la é preciso ir além do materialismo histórico que só vê no homem e na mulher entidades econômicas. Assim recusamos pela mesma razão o monismo sexual de Freud e o monismo econômico de Engels” (BEAUVOIR, 1967, p. 79-80).

6. CONCLUSÃO

Vimos que, no decorrer da história, a humanidade alimentou um conflito interno, derivado de uma afirmação de força por parte dos homens contra as mulheres. Homens exploravam e exploram outros homens, mas entre os explorados e subjugados, as mulheres são as que se encontram em situação mais negativa, dado que são vistas como inferiores também entre os explorados, pois mesmo entre essas elas sofrem com o machismo e a discriminação.

Os homens assumiram na história um ideal para a humanidade, um ideal do que seria ser *humano* e nesse modelo a figura masculina foi exaltada em detrimento da mulher, que passou a ser vista como inferior ao homem por não atender ao ideal imposto de forma violenta (física ou simbolicamente) e isso aconteceu na maioria das sociedades humanas ditas *civilizadas*, predominando ainda hoje no mundo globalizado – onde valores da cultura Ocidental se espalharam, com a expansão do mercado capitalista, afetando outras sociedades e culturas no planeta.

O chamado *patriarcado* impõe ainda suas vontades ao mundo e molda culturas e sociedades com seus valores machistas, negando a possibilidade de expressão de liberdade às mulheres que são vistas como um *outro* em sentido negativo, um outro anulado e em relação ao qual não se reconhece reciprocidade: o *humano* que não deu certo por não possuir as características masculinas impostas pelo ideal machista.

A mulher é forçadamente encaixada nos ideais do patriarcado, valores estes que, por estarem disseminados nas culturas, influenciam até as próprias mulheres, a ponto de que muitas mulheres acabam por discriminarem outras mulheres que ostentem um comportamento que destoe do que é visto como modelo de *comportamento feminino* (imposto pelos homens).

Se não assumir estereótipos de *mãe, dona de casa, mulher delicada*, a mulher sofre mais violência por não se enquadrar em um padrão de comportamento imposto, porém, mesmo aquelas que assumem tais estereótipos ainda assim continuam sofrendo, subjugadas aos desejos dos homens. No entanto, o enquadrar-se em tal modelo já é a vitória da violência, visto que assim a mulher se submete a uma vontade alheia a sua (isso quando não introjeta tais valores por força da doutrinação cultural e da tradição, passando a assumi-los como se seus fossem).

Beauvoir afirma a necessidade de revolta e luta contra o machismo e contra as imposições dos homens sob as mulheres, uma luta por liberdade e autodeterminação, levando

em consideração um projeto de *elevação* da humanidade enquanto coletividade. Enquanto a humanidade continuar negando à *parte de si* a possibilidade de expressão de liberdade e autodeterminação, a situação de descarada injustiça continuará como ferida, marcando a história humana. Um caminho para a superação desta situação de opressão pode ser o socialismo, mas um socialismo que combine a proposta da igualdade com a liberdade, um socialismo sem autoritarismo e que realmente avance até a realização de seus ideais básicos, rumo à dissolução das hierarquias de poder calcadas na desigualdade entre humanos.

A referência para a transformação pode ser uma Ética que reconheça as mazelas da condição humana e encare a realidade vivida pelos oprimidos e, em especial, pelas mulheres que ainda sofrem com o machismo. Tal Ética deve ser exaltada sob o reconhecimento de que, como humanos, formamos um coletivo, e é o reconhecimento da dignidade e liberdade do outro (e o reconhecimento pelo outro da minha dignidade e liberdade) o que pode dar sentido a existências para as quais precisamos criar, nós mesmos, as bases e referências. Isso porque não há nenhuma divindade atemporal, messias ou salvadores, para nos salvarem, ditarem regras inquestionáveis ou organizarem (por nós) o mundo em que estamos mergulhadas.

A ambiguidade da situação da mulher – a qual, como consciência, é livre, mas, ao mesmo tempo, percebe-se submetida à pressão dos valores impostos pelos homens – lança-a na angústia de não poder assumir livremente seu próprio projeto de vida e querer. Para quebrar o *muro* da violência física e simbólica contra a mulher, o primeiro passo é a revolta e, depois, a propagação de um discurso que explicita e esclareça aos homens o próprio machismo e o prejuízo decorrente do mesmo para a humanidade, para que, então, coletivamente, seja possível superar a grande chaga da opressão contra as mulheres. O feminismo, para o qual Simone de Beauvoir deu uma importantíssima contribuição, é porta-voz desse projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, N. **Simone de Beauvoir, Philosophy & Feminism**. New York: Columbia University Press, 2001.

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

_____. **O Segundo Sexo: experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

_____. **Por uma Moral da Ambiguidade**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

DIAS, Lucas Barreto. **Simone de Beauvoir e a ontologia da ambiguidade**. Reflexões- Revista de Filosofia. Fortaleza-CE - Ano 4, Nº 6, Janeiro-Junho de 2015. p. 66-79.

DUROZOI, Gérard, ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia**. Trad. Marina Appenzeller, 4ª ed, Campinas, SP: Papyrus, 2002.

FELDEN, Patrícia; COELHO, Paulo Vinícius Nascimento. **A superação da condição de subjugação das mulheres e seu significado para a história humana (o pensamento de Simone de Beauvoir em diálogo com o materialismo histórico dialético)**. Sapere Aude - Revista de Filosofia, Belo Horizonte-MG, v. 9, n. 18, dez. 2018, p.468-477.

FELDEN, Patrícia. **A categoria da “alteridade” em “O Segundo Sexo” de Simone de Beauvoir**. Sapere Aude – Revista de Filosofia, Belo Horizonte-MG, v. 10, n. 20, 23 dez. 2019, p. 809-814.

GARCÍA, Mercedes Expósito. **Simone de Beauvoir: unha pensadora da alteridade**. Agora: Papeles de filosofía, Espanha, Vol. 28, Nº 1, 2009. P. 131-139.

HAAS, Randall, WATSON, James, BUONASERA, Tammy, SOUTHON, John, CHEN, Jennifer C., NOE, Sarah, SMITH, Kevin, LLAVE, Carlos Viviano, EERKENS, Jelmer,

HOSTE, Vinicius Xavier. **Sartre e as regiões do ser: da consciência ao em-si**. Kínesis, Vol. 106 VII, nº 15, Dezembro 2015, p.104-119.

HOOD, Sinclair. **Os Minóicos**. São Paulo: Verbo, 1973.

JOHANSON, Izilda. **Moral da ambiguidade, liberdade e libertação.** *Étic@* revista de Filosofia. Florianópolis-SC, v. 17, n. 2, Dez. 2018. p. 239-257.

KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O desespero Humano (Doença até a morte).** Os pensadores. Tradução: Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia.** trad. Fátima Sá Correia, São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LEOPOLDI, José Sávio. **As relações de gênero entre os caçadores-coletores.** *Sociedade e Cultura – Revista de Ciências Sociais, Goiás*, v. 7, n. 1, jan./jun. 2004, p. 61-73.

MISSAGGIA, Juliana. **Sobre algumas contribuições de Simone de Beauvoir para a filosofia moral feminista.** *PROMETHEUS – Revista de Filosofia, Sergipe*, N. 28 – September-November, 2018, p. 138-150.

MOTTA, Lucas Joaquim da. **A relação entre ambiguidade, liberdade e condição humana em Simone de Beauvoir.** *Unesp- marília- Filogênese*, Vol. 11, 2018, p.41- 54).

OLIVA, Juliana. **O Outro a partir da corporeidade: a importância do corpo na situação da mulher em O Segundo Sexo de Simone de Beauvoir.** *Sapere Aude – Revista de Filosofia, Belo Horizonte-MG*, v. 5, n. 9, jun. 2014, p. 267-286.

OLIVEIRA, Carla Vanessa Brito. **A noção de experiência em Hegel como crítica Imanente.** *Revista Ideação, Feira de Santana - Bahia, Edição especial 2018*, páginas.321-350.

PARDINA, Teresa López. **Simone de Beauvoir y Sartre: Consideraciones hermenéuticas en torno A el segundo sexo.** *Agora: Papeles de filosofía, Espanha*, Vol.28, Nº 1, 2009. Páginas 63-73.

PARKER, Glendon. **Female hunters of the early Americas.** *SCIENCE ADVANCES – Revista American Association for the Advancement of Science*, Vol. 6, no. 45, NOV-2020, p. 1-10).

RIBEIRO, Djamila. **Para além da biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico.** *Sapere Aude – Revista de Filosofia, Belo Horizonte-MG*, v. 4, n. 7, jul. 2013, p. 506-509.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.** Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução de Rita Correia Guedes. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SANTOS, Dominique, WACKERHAGE, Camila Michele. **Petre, Pater Patrum, Papisse Proditio Partum: tradução dos fragmentos da primeira documentação referente à 'papisa' Joana.** *Mirabilia: Revista Eletrônica da Antiguidade, Idade Média e Moderna* (Edição dedicada a: Mulier aut Femina. Idealismo ou realidade das mulheres na Idade Média), ISSN-e 1676-5818, Nº. 17, 2013. p. 220-233.

VIANA, Márcia Regina. **Liberdade e existência: os movimentos do existir em Simone de Beauvoir.** *Revista Estudos Filosóficos- Revista de Filosofia, DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG*, n.5, 2010, p. 118-129.

ZANOTELLO, Carolina de Freitas. **A constituição do sujeito moral em Por uma Moral da Ambiguidade.** Em curso- *Revista da Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e da Universidade Federal de Lavras (UFLA)*. São Paulo, v.7, 2020, p. 2-13.

Bibliografia Completar

ABELLÓN, P. “**La apropiación beauvoiriana de los principios ilustrados en El Segundo Sexo: un recorrido crítico**”. In: *Sapere Aude* v.3-n.6, pp.57-72. PUCMG: Belo Horizonte, 2º sem. 2012.

ALVES, B. M., PITANGUY, J. **O que é feminismo.** São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

ANDREW, B.S. “**Beauvoir’s Place in Philosophical Thought**”. In: CARD, C. (editor) *The Cambridge Companion to Simone de Beauvoir*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

APPIGNANESI, L. **Simone de Beauvoir: uma biografia.** Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora Ltda.: Casa-Maria Editorial, 1988.

ASCHER, C. **Simone de Beauvoir: uma vida de liberdade.** Trad. Salvyano Cavalcanti de Paiva. Rio de Janeiro: Fancisco Alves, 1991.

ANDRADE, Eloisa Benvenuti. **O feminino na História da Filosofia: do imaginário filosófico à autenticidade da mulher em Simone de Beauvoir.** *Ipseitas – Revista da Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, São Carlos*, vol. 5, n. 2, jul-dez, 2019, p. 67-75.

BEAUVOIR. “**La condition féminine**”. In: FRANCIS, C., GONTIER, F. *Les écrits de Simone de Beauvoir*. Paris: Gallimard, 1979.

_____ **A Força da Idade.** Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,

1984.

_____ **A força das coisas.** Trad. Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

_____ **Memórias de uma Moça Bem-Comportada.** Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, [s.d].

_____ **El Existencialismo y la Sabiduría de los pueblos.** Traducción de Horacio Oscar Pons. Espanã: Gallimard, 2009.

_____ **O Pensamento de Direita Hoje.** Tradução de Manuel Sarmiento Barata. 2ª ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

BARTKY, S. L., FRASER, N. (Editors). **Revaluing the French Feminism – Critical Essays on difference, agency, and culture.** Indiana University Press, 1992.

BAKUNIN, M. **Conceito de Liberdade.** Trad. Jorge Dessa, Vol.3, Coleção Substância. Portugal: Rés, [s.d].

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petropolis: Vozes, 2003.

ENGELS, Frederick. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado.** São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 1984.

FRANCIS, C., GONTIER, F. **Simone de Beauvoir.** Trad. Oswaldo Barreto e Silva. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

HENGHOLD, L, BAUER, N. **A Companion to Simone de Beauvoir.** Hoboken, NJ: Wiley Blackwell, 2017.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito.** Apresentação de Henrique Cláudio de Lima Vaz e tradução de Paulo Meneses. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/Universidade São Francisco, 2002.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Estruturas Elementares do Parentesco.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARX, k. **Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844.** Tradução de Jesus J. Ranieri. São Paulo, Boitempo, 2004.

PUENTE, Celia Amorós. **El método en Simone de Beauvoir, método y psicoanálisis**

existencial. Agora: Papeles de filosofía, Espanha, Vol. 28, Nº 1, 2009, páginas 11-29.

STREECK, Wolfgang. **As crises do Capitalismo Democrático.** Tradução de Alexandre Morales, Novos estud. – CEBRAP, *Dossiê Crise Global*, Revista SciELO– FAPESP, São Paulo, no.92, Mar, 2012, p. 35-56.

VERDÚ, Amparo Ariño. **Verdad, mala fe y situación de la mujer en "Le deuxième sexe" y "La femme rompue".** Agora: Papeles de filosofía, Espanha, Vol. 28, Nº 1, 2009, páginas 51-62.